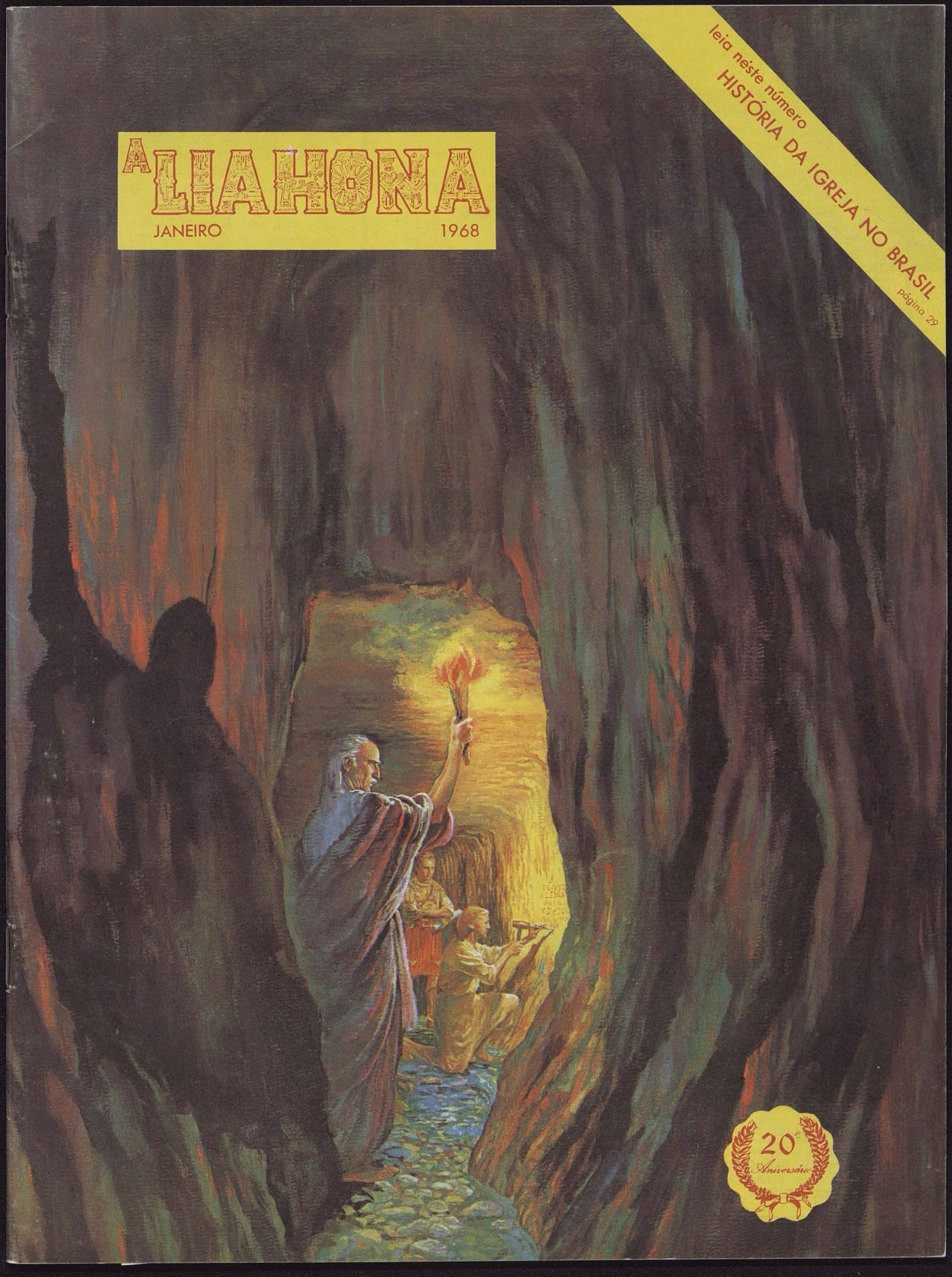
A LIAHONA

JANEIRO 1968

leia neste número
HISTÓRIA DA IGREJA NO BRASIL
página 29



20º Aniversário



Mensagem de

N. Eldon Tanner

da Primeira Presidência

Muitos argumentam que não podemos ser honestos e competir, que não podemos amar ao nosso próximo como a nós mesmos sem que tirem vantagem de nós, e que não se pode aplicar os princípios do Evangelho nas relações internacionais.

Outros há, também, que afirmam estar o Evangelho ultrapassado; que os homens, mediante o progresso científico, estão-se tornando mais e mais auto-suficientes sem precisar fiarem-se em Deus. Outros ainda argumentam que o Evangelho é demasiadamente restritivo, que nos aliena a liberdade, que não podemos gozar as vantagens de uma ampla educação, aceitar as verdades científicas ou participar em sadias atividades científicas comunais.

Esta é uma grande inverdade. Sabemos que o Senhor deu-nos a terra e tudo o que nela está para o nosso uso e benefício. Foi-nos dito para sujeitar a terra. Na qualidade de membros da Igreja, somos estimulados a obtermos educação, aprendermos o que pudermos, prepararmo-nos para tomarmos os nossos lugares no mundo e contribuirmos com tudo o que pudermos para o benefício e o bem-estar da humanidade.

Neste Número

Mensagem de Inspiração. N. Eldon Tanner 2
O Porquê da Educação. David O. McKay 3
Dá Para Enxergar? John A. Peart 4
O Tunel de Ezequias. Doyle L. Green 5
A Restauração de Nauvoo. Entrevista 9
Sêde Confortados. Marion D. Hanks 12
O Senhor Pode Contar com Donato. Bispado Presidente 14
Orquídeas na Cozinha. Elsie Sim Hansen 16
Seção das Crianças 17
Um Cavalo Para Mark. Ruth Dagget Leihauser
Lagartas são Imprevisíveis. Helen R. Sattler
Um Brinquedo que Êle Vai Adorar. June F. Krambule 21
Com Confiança em Deus. Loye Wright 22
Descobertos Manuscritos Egípcios 24
Cegueira. Suzanne Eyestone 25
Escola Dominical 26
A Regra de Ouro do Ensino. Peter J. Dyson 26
Deveríamos ou Não? A. Laurence Lyon 28
A Responsabilidade do Professor. David O. McKay 28
História da Igreja no Brasil. Lloyd R. Hicken 29
A Partir de Cumorah - XX. Hugh Nibley 32
Notícias 34
Vinte Anos da Nossa Revista. H. da R. Camargo 35
Na Fímbria. Richard L. Evans 36

Capa

Esta ilustração da autoria de Dale Kilbourn apresenta o profeta Isaias (segurando o archote) e o rei Ezequias (no fundo) nas profundidades do túnel que corre sob Jerusalém, observando um artesão dando os toques finais no que veio a ser conhecido como a "Inscrição de Siloé", que narra a história da escavação do túnel. Leia a história completa na página 5.

Vol. 21 - Janeiro de 1968 - Número 1

A LIAHONA

Publicação Mensal editada pelo Centro Editorial Brasileiro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Rua São Tomé, 520, CP 19079, São Paulo, SP.

Editor
Hélio da Rocha Camargo
Redator
F. Máximo

Estaca São Paulo
R. Iguatemi, 1980
São Paulo, SP
Missão Brasileira
R. Henrique Monteiro, 215, São Paulo SP - CP 862, Tel. 80-4638
Missão Brasileira do Sul
R. Gen. Carneiro, 490, Curitiba, PR CP 778, Tel. 4-8016
Missão de Construção
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 33-6761

"A LIAHONA" — Órgão Oficial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em língua portuguêsa, acha-se registrado sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4.857 de 9-11-1930. Composto por Interlinograf, R. dos Andradas, 127. Impresso nas oficinas da Mácron - Indústria Gráfica Ltda., R. das Fiandeiras, 66. São Paulo SP.

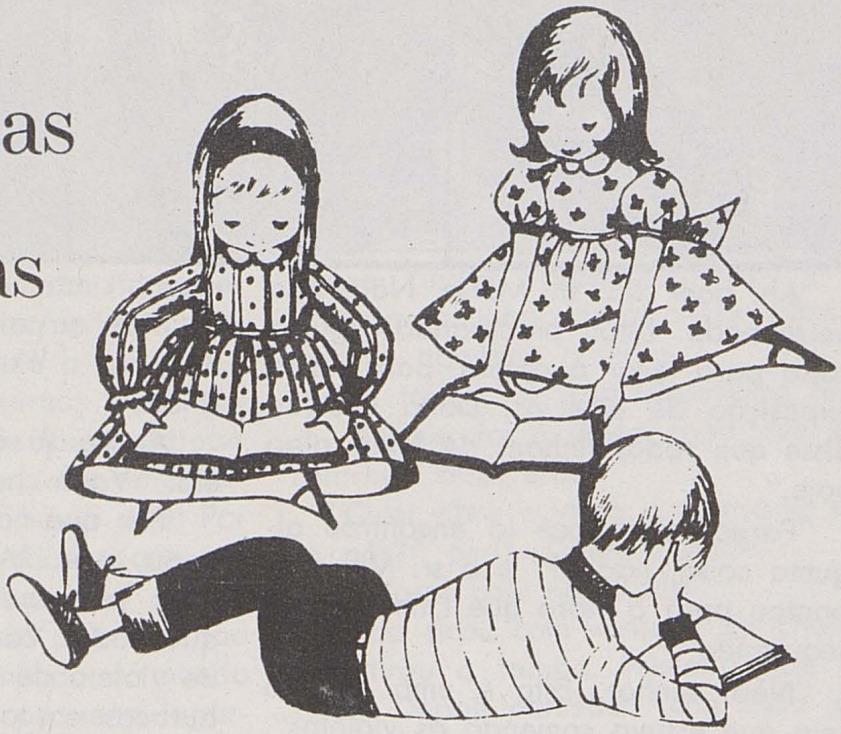
Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e do "staff" internacional do "Unified Magazine."

Subscrições: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser dirigida ao: **Departamento de Assinaturas,** Caixa Postal 19079. Assinatura anual para o Brasil: NCr$ 5,00; para o exterior simples: US$ 3,00; para o exterior via aérea: US$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: NCr$ 0,50; exemplar atrazado NCr$ 0,80. As mudanças de enderêço devem ser comunicadas indicando o antigo e o nôvo enderêço, devendo-se aguardar 8 semanas para o processamento postal.

Importante

Por um lapso há muitos anos ocorrido, mas só agora descoberto, êste seria o XXII volume e não o XXI como é o certo. Visando a corrigir isto, nova numeração arábica em lugar de romana é iniciada a partir dêste número.

Seção das Crianças





Lagartas são Imprevisíveis

Helen R. Sattler

Ilustrado por Elizabeth Dunlap

Extraído de *The Children's Friend*

Linda procurava algo no quintal atentamente. Estava com um ar preocupado.

"Perdeu alguma coisa, Linda?" perguntou o sr. Mário.

Linda olhou para cima. O vizinho do lado estava debruçado sôbre o muro.



"Ah, bom dia, sr. Mário. Não, não perdi nada. Estou procurando alguma coisa para levar à escola, para nossa exposição de ciências. Dona Clotilde disse que todos tinham de levar algo hoje."

"Parece que você já encontrou alguma coisa, não é?" e o sr. Mário apontou para o vidro que Linda estava segurando.

"Não, senhor. Esta é uma lagarta feia que estava comendo as violetas", disse Linda erguendo o vidro para que êle pudesse ver.

"Ora, por que você não a leva?" perguntou o sr. Mário olhando para a pequena lagarta prêta e felpuda, com pintas alaranjadas.

"Eu é que não vou levar esta coizinha horrível", disse Linda fazendo careta. "Todo o mundo riria de mim."

"Não vejo por quê. Acho que é uma ótima escolha."

"Mas os outros levaram cada coisa bonitinha", explicou Linda. "Beto trouxe um ovinho de sabiá. Dudu um ninho de passarinho. Susy apareceu com conchinhas do mar e Julinho trouxe uma coleção de pedras."

"Compreendo", disse o sr. Mário. "Mas você não acha que essa lagarta é tão interessante quanto o resto?"

Linda assentiu com a cabeça.

"Temos de mostrar as coisas que levamos e falar a respeito delas na sexta-feira. Como gostaria de encontrar uma abelha ou uma borboleta!"

Nesse exato momento sua mãe chamou: "Linda, está na hora de ir."

"Mas eu ainda não encontrei nada para a exposição, mamãe", gritou Linda.

"Agora já está muito tarde", disse ela. "Você chegará atrasada."

"Por que não leva a lagarta?", sugeriu o sr. Mário. "Mesmo que seja meio pequena e feiosa é melhor do que nada. Vamos pôr algumas fôlhas de violeta dentro do vidro e fazer uns buracos na tampa, para que ela não morra. Nunca se sabe o que pode acontecer com as lagartas. Elas mudam da noite para o dia."

Linda deu um pequeno sorriso de agradecimento.

"O sr. Mário é bonzinho", pensou, caminhando devagar para a escola. "Mas é que êle não compreende."

Fêz o possível para não encontrar nenhum dos amigos no caminho. Não queria mostrar a ninguém sua lagartinha horrorosa.

Quando Linda chegou à escola, esgueirou-se para dentro de mansinho e colocou o vidro bem escondido na mesa onde estava a exposição de ciências.

A sineta tocou e Linda se esqueceu da lagarta até a hora do recreio. Aí tôdas as crianças se reuniram ao redor da mesa para ver as novas coisas que tinham chegado.

"Olhe! Veja esta lagarta horrorosa que alguém trouxe", gritou Susy, levantando o vidro.

"Não! Quem será que trouxe isso?" perguntou Lúcia.



"Ainda bem que está no vidro, senão meus peixinhos a comeriam", disse Toninho.

Todo o mundo riu, exceto Linda. Estava com uma vontade louca de sair correndo e se esconder, mas lembrou-se do que o sr. Mário havia dito. Por isso, falou: "Nunca se sabe o que pode acontecer com as lagartas."

Depois do primeiro dia as coisas não foram assim tão mal. Todo o mundo tinha-se esquecido da pequena lagarta, escondida num canto.

E então chegou a sexta-feira! Sexta-feira era o dia em que todos tinham de mostrar o que haviam trazido e falar sôbre aquilo à classe.

Linda nem queria ir à escola na sexta-feira.

O sr. Mário tinha-lhe perguntado, na noite anterior, como ia a lagarta e ela lhe contara que as outras crianças haviam rido e depois disso nem olhara mais para o bichinho.

O sr. Mário simplesmente piscou um ôlho. "Espere um pouco mais. Talvez você ainda ria por último. Nunca se sabe o que pode acontecer com as lagartas. Especialmente as pequeninas e feias."

Linda estava triste quando começou a aula de ciências e nem ouviu o que Julinho disse sôbre suas pedras e o que Toninho explicou sôbre os peixinhos.

Todo o mundo já tinha mostrado suas coisas. Foi aí que Dona Clotilde chamou Linda.

"Você não vai nos mostrar o que trouxe, Linda?" perguntou ela.

Linda caminhou devagarinho para a mesa e apanhou o vidro.

"Eu trouxe só esta lagartinha feiosa, porque foi a única coisa que encontrei," disse ela.

"Quer abrir o vidro e mostrá-la para nós?" pediu Dona Clotilde.

A classe caiu na risada.

Linda ficou com vontade de chorar, mas tirou a tampa. Primeiro não viu nada. Depois percebeu uma linda jóia verde e dourada na tampa.

"Ah," gritou Linda, "minha lagarta transformou-se numa jóia." E ergueu bem alto a tampa para que a classe pudesse ver.

Todos contiveram o fôlego de surprêsa.

"Ela deve ser mágica", falou Beto.

"Sim", disse Dona Clotilde. "Ela é mais ou menos mágica. Esta é uma **crisálida.** Linda trouxe para nós uma **lagarta fritilária.** Ela transformou-se numa linda crisálida. Em breve será uma borboleta marrom e laranja, com manchas prateadas debaixo das asas."

"Quem haveria de imaginar que uma lagarta velha e feia haveria de se transformar numa coisa linda como essa", comentou Susy.

"Acho que a lagarta de Linda foi a melhor coisa de nossa exposição de ciências", disse Beto.

Todos concordaram.

Linda sorriu feliz. "Como diz o sr. Mário, nunca se sabe o que pode acontecer com as lagartas. Êle tinha razão."



Um Cavalo para Mark

Ruth D. Leihauser

Extraído de *The Children's Friend*

A família Kramer, que em 1869 havia vindo morar numa fazenda às margens do rio Des Moines, perto de Ottumwa, estado de Iowa, nos Estados Unidos, possuía dois cavalos, Jud e Jess, sua parelha de trabalho. Mark adorava Jud e Jess, mas queria um cavalo só seu — um cavalo prêto com pernas compridas, pescoço forte, arqueado, e crina e rabo esvoaçantes, que cavalgasse como o vento — um cavalo que obedecesse a um sussurro seu e relinchasse ao vê-lo aproximar-se.

Numa tarde quente de agôsto, Mark e Lucy estavam sentados à sombra de um grande olmo, perto de casa. Lucy trançava longas tiras de retalho para fazer um tapete e Mark estava deitado de costas, contemplando a folhagem da velha árvore. Finalmente, disse:

"Lucy, se você tivesse direito a um desejo que pediria?"

"Que todos os meus desejos fôssem realizados", respondeu Lucy prontamente.

"Seria muita esperteza", disse Mark. Ficou quieto um momento, esperando que Lucy falasse. Como ela não abrisse a bôca, perguntou: "Você não vai me perguntar o que eu pediria?"

"Não."

"Por quê?"

"Porque sei o que você pediria — um cavalo prêto só seu."

"É verdade", disse Mark e suspirou profundamente.

"Mark," disse Lucy, "nós dois iremos para a escola em Ottumwa, no mês que vem."

"Já sei", disse êle.

"Sim, mas isto é apenas parte da novidade."

"Se é sôbre a escola, não me interessa saber," disse Mark melancòlicamente. Nunca tinha ido à escola, nem queria ir.

"Não é apenas a respeito da escola. É sôbre um cavalo para nos levar e trazer da cidade."

"O que?" gritou Mark, levantando-se de um salto.

Lucy parou de trançar as tiras de pano e ergueu os olhos para êle.

"Hoje pela manhã, enquanto você trazia a vaca do pasto, papai comentou com mamãe que achava que ia precisar de comprar um cavalo do sr. Prescott, porque não poderia abrir mão de Jud e Jess todos os dias. Disse que estava quase decidido a comprar outro cavalo."

"Um cavalo prêto?"

"Não, êle só falou um cavalo. Mas disse que o sr. Prescott tinha muitos para vender."

"Êle seria metade seu. É para levar nós dois à escola, não é?"

"É, mas cheguei à conclusão de que não quero a minha parte, "disse Lucy. "Dou minha metade do nôvo cavalo para você."

"Palavra mesmo?"

"Palavra."

"Lucy, um dia eu vou lhe dar alguma coisa que você quiser muito. Não sei o que vai ser, mas será uma coisa ótima."

"Não precisa me dar nada, porque não me custa dar minha metade do cavalo a você. Eu não me importo."

"Bom, de qualquer jeito, não vou mais aborrecer você e ainda hei de lhe dar alguma coisa formidável."

Logo na manhã seguinte o sr. Kramer disse à família que ia dar uma olhadela nos cavalos que o sr. Prescott tinha para vender. Se encontrasse um bom animal a preço razoável êle o compraria.

"Você quer ir comigo, Mark?" perguntou.

"Sim, senhor", gritou Mark animadíssimo.

Tôda a paisagem parecia diferente a Mark, enquanto seguia na carroça, ao lado de seu pai, naquele dia.

O sr. Prescott saudou os visitantes calorosamente, apertando a mão de Mark, bem como a do sr. Kramer. Ouviu com atenção o sr. Kramer dizer: "Quero um cavalo forte, que atravesse com segurança as piores estradas. Um cavalo que não me deixe preocupado pela segurança das crianças, porque êles terão de ir sòzinhos à escola."

Um cavalo prêto, gritou o coração de Mark, mas sua bôca não soltou nenhum som, pois sabia que não ficava bem um menino interromper a conversa dos mais velhos.

"Tenho dois animais excelentes para o que o senhor quer", assegurou o sr. Prescott. Qualquer um dêles lhe agradaria."

Mark estourava de impaciência para ver os cavalos.

Quando chegaram à cêrca que separava o pasto da cocheira, não havia nenhum cavalo à vista.

"Vou chamá-los," disse o sr. Prescott.

"Ôoooo Boy, Ôoooo Lady, Ôoooo Boy, Ôoooo Lady", chamava alto. Duas éguas castanhas saíram do mato aproximando-se da cêrca.

Nenhum prêto, pensou Mark tristemente.

"São êsses?" perguntou o sr. Kramer, examinando as éguas com olhos críticos.

"Baby", aquela lá, não serve para o que o senhor quer", é muito arisca. Lady é que foi feita de encomenda para o senhor, mas quero que veja Boy antes de se decidir."

Nessa hora Boy saiu do mato e parou meio afastado da cêrca, contemplando gravemente os estranhos. O coração que Mark quase parou, por um momento. Boy era um cavalo prêto de pernas compridas, com pescoço forte, arqueado, e crina e cauda esvoaçantes. Mark sabia só por vê-lo que êle

galopava como o vento e que obedeceria ao mais suave comando.

Subiu na cêrca e estendeu as mãos. "Aqui, Boy", disse êle mansamente. "Aqui, Boy".

Boy permaneceu imóvel, olhando para êle. A pequena égua marrom, Lady, veio para a cêrca, enfiou o focinho macio nas mãos de Mark e relinchou baixinho. Mark deu-lhe uns tapinhas no pescoço e falou carinhosamente com ela, porque gostava de todos os cavalos.

"Aqui, Boy", implorou. "Aqui."

O cavalo prêto veio até êle e esfregou-lhe o focinho no ombro. Mark pôs os braços ao redor da cabeça prêta e abraçou-a.

"Êle é bom com cavalos", riu o sr. Kramer e juntamente com o sr. Prescott entrou na cocheira para falar de negócios.

Quando seu pai e o sr. Prescott saíram de lá, Mark viu que ambos pareciam satisfeitos. O sr. Prescott trazia uma rédea e um bridão na mão e isso indicava que os dois haviam feito negócio. O fazendeiro abriu a porteira e saiu para o pasto, em direção aos cavalos.

"Aqui, Lady", disse o sr. Prescott, e atirou o bridão sôbre a cabeça da égua.

"Não," gritou Mark aflito. "É Boy que nós vamos levar, sr. Prescott."

O sr. Prescott parou, com uma das mãos no pescoço de Lady. Olhou para o sr. Kramer com uma expressão tão esquisita que Mark virou-se para seu pai. E o que viu nos olhos dêle fê-lo dizer com voz estrangulada: "Nós vamos levar Boy, não é papai?"

O sr. Kramer respondeu pausadamente: "Filho, o cavalo prêto custa dez dólares mais que a égua e não seria útil para o que queremos. Eu sabia, desde o momento em que o vi, que êle era o que você queria. Gostaria de comprá-lo, mas não tenho dinheiro."

Mark sabia o que dez dólares representavam. Engoliu sêco e disse: "Está bem. Eu... eu gosto muito da égua também, papai."

Lágrimas marejavam seus olhos ao afastar-se do homem em direção à carroça. Nem se virou mais para ver Boy. Ouviu o sr. Prescott limpar a garganta e dizer: "O senhor tem um ótimo filho. Posso baixar um pouco o preço do outro cavalo, digamos dois dólares."

"O cavalo prêto vale o que o senhor pediu, sr. Prescott, e eu o estaria lesando se pagasse menos."

Todo o caminho de volta para a fazenda Lady trotou graciosamente ao lado da carroça, com a rédea nas mãos de Mark.

Lucy, que esperava em casa, ouviu a carroça vindo pela estrada e saiu correndo para abrir a porta da cocheira.

Seu rosto se iluminou ao ver a bela égua.

"Acho que vou gostar muito dela", gritou quando a carroça parou com um solavanco ao lado da estrebaria. "Parece que é boazinha. Que bom, Mark, agora você tem um cavalo só seu. É verdade que ela não é prêta, mas é linda. Você não está feliz?"

"Estou, sim", disse Mark.

Sua resposta foi firme, mas Lucy percebeu algo de errado e olhou ràpidamente para o pai.

"Nós gostamos de um outro cavalo," disse o sr. Kramer, "mas custava mais que a égua e eu não tinha dinheiro."

Enquanto seu pai desatrelava Jud e Jess, Mark levou a égua para uma baia limpa. Lucy seguiu-o. Finalmente perguntou quase num sussurro: "Mark,

o outro cavalo — era prêto?"

"Era, sim".

Lucy se escondeu atrás da baia e chorou um pouco, porque sabia que Mark estava muito desapontado.

Nos dias que se seguiram Lucy pensou muitas vêzes que ninguém, nem mesmo Mark, podia deixar de adorar Lady. A pequena égua mostrava muito amor por sua nova família. Lucy gostava de subir no alto da cêrca, acariciar o focinho de Lady e falar com ela. Lady nunca se cansava do carinho. E Mark tomava conta dela muito bem.

Certa manhã uma carroça coberta



parou diante da casa. Um homem alto saltou dela e depois auxiliou uma senhora a descer.

A sra. Kramer, que havia feito uma pausa para olhar pela janela, deu um grito de alegria e correu para fora.

O sr. e a sra. Westman, que moravam na mesma cidade que os pais da sra. Kramer, estavam passando por ali a caminho da Califórnia.

Lucy e Mark nunca haviam visto seus pais tão animados e felizes como naquele dia.

Antes de sair, o sr. Westman retirou da carroça os presentes mandados pelos pais da sra. Kramer, inclusive uma moeda de ouro de dez dólares para Lucy e outra para Mark.

"Vou comprar alguma coisa formidável com êste dinheiro," disse Lucy felicíssima, "mas ainda não sei o que."

"Papai, êste dinheiro é realmente nosso? Podemos fazer com êle o que quisermos?" perguntou Mark.

"Claro, filho, mas não se esqueça de que é muito dinheiro."

"Eu sei. Dez dólares é a diferença entre Lady e Boy..."

"Não," gritou Lucy, e depois tampou a bôca com a mão, ao se lembrar que Mark desejava muito o cavalo prêto.

"Quer dizer que vai trocar Lady por Boy e pagar a diferença com o seu dinheiro?"

"Eu, eu... bom, era nisso que estava pensando", gaguejou Mark.

"Por que? Você não gosta de Lady,

Mark? Eu acho que ela é uma ótima égua."

"É, sim" apressou-se Mark em responder. "Acho que Boy não é nem um pouquinho melhor do que ela, mas êle é — êle é prêto e é exatamente como eu sempre quis."

Mark percebeu que seu pai, sua mãe e Lucy o olhavam admirados e corou um pouco.

"A moeda é sua, filho. Você provàvelmente não verá tanto dinheiro assim outra vez até ficar moço."

"Sei disso muito bem, papai. Desde o dia em que fomos à fazenda do sr. Prescott tenho procurado um meio de ganhar dinheiro para comprar Boy Posso ir buscá-lo amanhã?"

Lucy não esperou para ouvir a resposta do pai, pois sabia qual seria. Correu até a estrebaria, abraçou o pescoço de Lady e chorou, chorou.

Pela manhã, na hora de Mark selar Lady para sair, Lucy correu para a beira do rio e sentou-se num grande tronco. Não suportaria ver Lady sendo separada das pessoas que amava.

O almôço já havia passado quando Mark voltou. Lucy, que não conseguira comer nada, estava ajudando a mãe a lavar os pratos quando ouviram o ranger da porteira do estábulo.

"É. Mark", disse o sr. Kramer.

"Êle vai ficar muito feliz", comentou a sr. Kramer, indo para a porta, "mas eu sou como Lucy, fiquei triste de ver a pequena égua partir."

Parou na soleira por um momento e depois disse espantada: "Mark está montado em Lady. Êle à trouxe de volta!"

"Talvez o cavalo prêto já tenha sido vendido," disse o sr. Kramer." Vou até o estábulo ver se consolo Mark."

Lucy seguiu-o até o estábulo. Estava com tanta dó de Mark que tinha vontade de chorar, mas ao mesmo tempo ficou tão feliz por ver Lady de volta que quase gritou de alegria.

Quando chegaram à estrebaria, Mark já estava desatrelando Lady.

"Encontrou o sr. Prescott em casa, filho?" perguntou o sr. Kramer.

"Sim, senhor."

"O cavalo prêto já tinha sido vendido?"

"Não, senhor."

"Então o sr. Prescott não quis fazer a troca?"

"Quis sim, senhor. Êle queria fazer o negócio."

Mark olhou para seu pai e para Lucy, vendo sua expressão de espanto.

"O sr. Prescott ficou satisfeito por fazer a troca. disse que sabia que eu sempre quiz um cavalo prêto e ficava contente de agora eu poder tê-lo. Nós fomos para a estrebaria e êle ajudou-me a desatrelar Lady e selar Boy. Eu... eu pensei que ficaria muito feliz quando montasse em Boy sabendo que era meu, mas não fiquei, não."

Eu e Boy começamos a sair e eu ouvi um relincho. Olhei para trás e lá estava Lady perto da cêrca, com a cabeça bem levantada para me ver. Ela ficou relinchando, parecendo perguntar por que eu ia embora sem ela. E... bom, ela parecia muito triste. De repente não achei mais que Boy era o cavalo para mim. Não o queria mais, queria Lady. Compreendi que ela era o meu cavalo, mesmo sem ser prêta."

A alegria inundou o coração de Lucy. E veio para mais perto acariciar o focinho de Lady.

"O sr. Prescott deixou você destrocar os cavalos?"

"Sim, senhor. Êle riu e me deu o dinheiro de volta. Disse que quando uma pessoa comete um êrro é bom reconhecê-lo e concertar as coisas."

Um dos ensinamentos fundamentais da Igreja afirma que a salvação depende do conhecimento, pois, "É impossível ao homem ser salvo em ignorância." (D&C 131:6) "E, se uma pessoa por sua diligência e obediência adquirir mais conhecimento e inteligência nesta vida do que uma outra, ela terá tanto mais vantagem no mundo futuro." (D&C 130:19).

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias bate-se pela educação. O próprio objetivo da sua organização é o de promulgar a verdade entre os homens. Os membros da Igreja são admoestados a adquirir instrução pelo estudo, e também pela oração e a fé, e buscar tudo o que é virtuoso, amável e louvável. Nesta busca da verdade, não estão confinados aos estreitos limites de dogmas ou credos, mas estão livres para lançarem-se aos domínios do infinito.

A obtenção de conhecimento é uma coisa, a sua aplicação é outra. A sabedoria consiste na correta aplicação do conhecimento para o desenvolvimento de um caráter nobre e divino. Um homem pode possuir profundo conhecimento de história e matemática, pode ser uma autoridade em fisiologia, biologia, astronomia. Pode conhecer tudo sôbre o que tem sido descoberto pertinente às ciências naturais, mas se não tiver, com êste conhecimento, a nobreza de alma que o qualifica para viver em justiça com o próximo e praticar a virtude e a honestidade, não é verdadeiramente um homem educado.



O Porquê da Educação

Presidente David O. McKay

A educação tem por alvo desenvolver uma estrutura de pensamento e aperfeiçoar as relações humanas. O objetivo da educação é desenvolver recursos no estudante que venham contribuir para o seu bem estar por todo o tempo da sua vida e também pela vida eterna. Tem por objetivo também desenvolver o poder de auto-domínio, para que jamais o estudante venha a tornar-se escravo da indulgência ou de outras fraquezas, e desenvolver masculinidade viril e formosa feminilidade. Na verdade, a maior riqueza de uma nação está na sua masculinidade impoluta e na sua feminilidade pura.

Em que consiste então a verdadeira educação? No despertar do amor pela verdade, no desabrochar do justo senso do dever, abrindo os olhos da alma para o grande propósito e finalidade da vida. Não é tanto o transmitir palavras quanto pensamentos, não meras máximas tanto como princípios de vida. Não é ensinar ao indivíduo a amar o bem para o seu próprio bem; mas ensiná-lo a amar o bem pelo próprio bem, a ser virtuoso nas ações por o ser no coração, e a amar e servir a Deus excelsamente, não por mêdo, mas por deleitar-se no seu perfeito caráter.

O caráter é o objeto da verdadeira educação; a ciência, a história e a literatura são apenas meios utilizados para atingir êste fim desejado. O caráter não é o resultado do acaso, mas de contínuo pensar com retidão e agir com justiça.

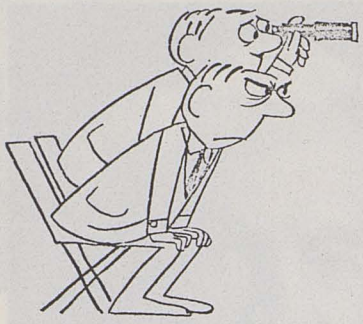
A verdadeira educação busca fazer dos homens e mulheres não apenas bons matemáticos, linguistas eficientes, cientistas profundos ou brilhantes luminares literários, mas também homens honestos dotados de virtude, temperança e amor fraterno. Visa produzir homens e mulheres que apreciem a verdade, a justiça, a sabedoria, a benevolência e o auto-contrôle como as mais seletas aquisições de uma vida bem sucedida.

Vejo em todos aquêles que recebem a verdadeira educação, indivíduos e grupos que irradiam uma influência que torna menos densa e menos eficaz a escuridão da ignorância, da dúvida, do ódio, da intolerância, da avareza e cobiça que ainda envolvem em trevas as vidas dos homens.

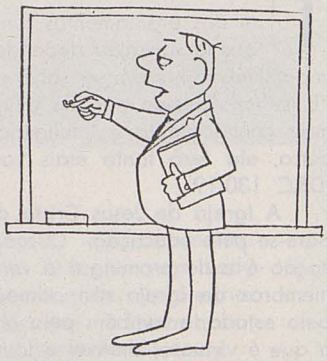
A educação é um investimento e não uma despesa. Pode tornar-se um investimento não sòmente para o tempo mas também para a eternidade. "Qualquer princípio de inteligência que alcançarmos nesta vida, surgirá conosco na ressurreição." (D&C 130:18)

As vidas dos homens tornam-se para nós como postes de sinalização, mostrando o caminho ao longo das estradas que levam a uma vida de desprendimento e felicidade ou a uma vida de egoísmo e miséria. É importante, então, que busquemos, tanto na vida como nos livros, a companhia dos mais nobres homens e mulheres.

Meus jovens amigos, estudantes da Igreja: Escolham o propósito capital da verdadeira educação e tornem-no o seu alvo ao buscarem instrução na escola, curso ou faculdade da sua escolha



Dá Para Enxergar?



John A. Peart

Não faz nenhum sentido apresentar um auxílio visual diante de uma classe se não puder ser visto pelas pessoas sentadas na última fila.

Você tem idéia da altura que devem ter as letras de um cartaz para que sejam legíveis a uma dada distância?

Que dimensões deve ter a escrita feita no quadro-negro?

De que distância podem ser lidos os nomes dos países num mapa?

"Enxergar" o material apresentado depende de duas condições:

1. **Legibilidade:** As letras devem ser suficientemente grandes, claramente desenhadas e apresentar um bom contraste visual.

2. **Visibilidade:** O material deve ser adequadamente iluminado de modo a não apresentar reverberação ou reflexos.

As tabelas seguintes mostram que tamanho devem ter as letras para permitirem legibilidade à distância indicada:

Altura Mínima do Símbolo	Distância Máxima de Legibilidade
7 milímetros	2,50 metros
12 "	5,00 "
20 "	7,50 "
25 "	10,00 "
40 "	15,00 "
55 "	20,00 "
80 "	30,00 "
105 "	40,00 "

Baseado em dados do panflêto S-4, "Legibility Standards for Projected Material," publicado pela Eastman Kodak Company, Rochester, N.Y.



Necessitamos de misericórdia; sejamos portanto misericordiosos. Precisamos de caridade; sejamos então caridosos. Carecemos de perdão; perdoemos. Façamos para com os outros o que desejamos que façam para conosco. Que nos seja dado dar boas vindas ao Ano Nôvo e dedicarmos-lhe nossos melhores esforços, nosso serviço leal, nosso amor e camaradagem, e nossa súplica pelo bem-estar e pela felicidade de todos os homens.

Joseph F. Smith

Talvez, dentre os nossos pensamentos, o mais importante é o que diz respeito ao alargamento do nosso horizonte e à motivação das nossas ambições. Certamente, cada nôvo ano deveria ser maior que o precedente. Com êste Ano Nôvo que está nascendo, deveriam vir os nossos maiores desafios e as nossas mais emocionantes oportunidades.

Deus nos tem concedido a inestimável oportunidade de sempre fazer o nosso melhor dentro de cada circunstância. Que tremendo privilégio é ser livre, livre para trabalhar, para vencer, para amar, para rir e para viver com sucesso e interessantemente.

Sterling W. Sill



Vista atual da parte sudeste de Jerusalém, tomada do sul. A elevação que acompanha a parte superior da foto é o Monte das Oliveiras. A Cidade de Davi, assim como a cidade que Jesus Cristo conheceu, jáz soterrada sob o entulho dos séculos. O Tunel de Ezequias corre sob esta parte da cidade, indo do Vale do Cedron ao Vale do Tiropeon.

O Tunel de Ezequias

Doyle L. Green

extraido de *The Improvement Era*

No sub-solo da cidade santa de Jerusalém existem várias passagens subterrâneas, bem como outros tipos de escavações que têm desempenhado importante papel na longa e caleidoscópica história daquela antiga cidade. Uma destas é conhecida como o Túnel de Ezequias, ou Túnel de Siloé. Conduz a água do famoso córrego de Giom, também chamado Fonte da Virgem, para o poço de Siloé. A história de sua escavação e das circunstâncias que a rodearam fascina a todos os interessados no povo e nos tempos do Velho Testamento.

Dizem os historiadores que o regato abastecia Jerusalém desde de 3.000 a.C. Suas águas jorram de uma fenda nas rochas num fluxo aproximado de 950.000 litros diários. A Bíblia menciona-o a primeira vez ao relatar como foi ungido Salomão, após ter Adonias tentado usurpar o trono. (I Rs. 1:38-39)

Retrocedamos na história ao tempo do Profeta Isaias, 700 anos antes do nascimento de Jesus Cristo. Ezequias, descendente de Davi, reinava sôbre Judá. Ao contrário de seu pai, o rei Acaz, Ezequias seguiu os caminhos do Senhor e muitas vêzes buscou e obteve orientação divina através de Isaias. Durante seu reinado, o templo foi reparado e reaberto. A Páscoa voltou a ser observada e os altares pagãos foram derrubados. Falando aos levitas, o rei Ezequias tinha dito: "...santificai-vos agora, santificai a casa do Senhor, Deus de vossos pais, e tirai do santuário a imundícia.

"Agora tem-me vindo ao coração que façamos um concêrto com o Senhor, Deus de Israel, para que se desvie de nós o ardor da sua ira." (II Cr. 29:5,10)

Certamente, a ira do Senhor parecera pesar sôbre Judá durante o reinado do ímpio Acaz, pois o povo fôra ferido pelos exércitos da Síria, de Israel e de Edom. (II Cr. 28:5,17) Mas Ezequias libertou Judá do jugo dos seus captores:

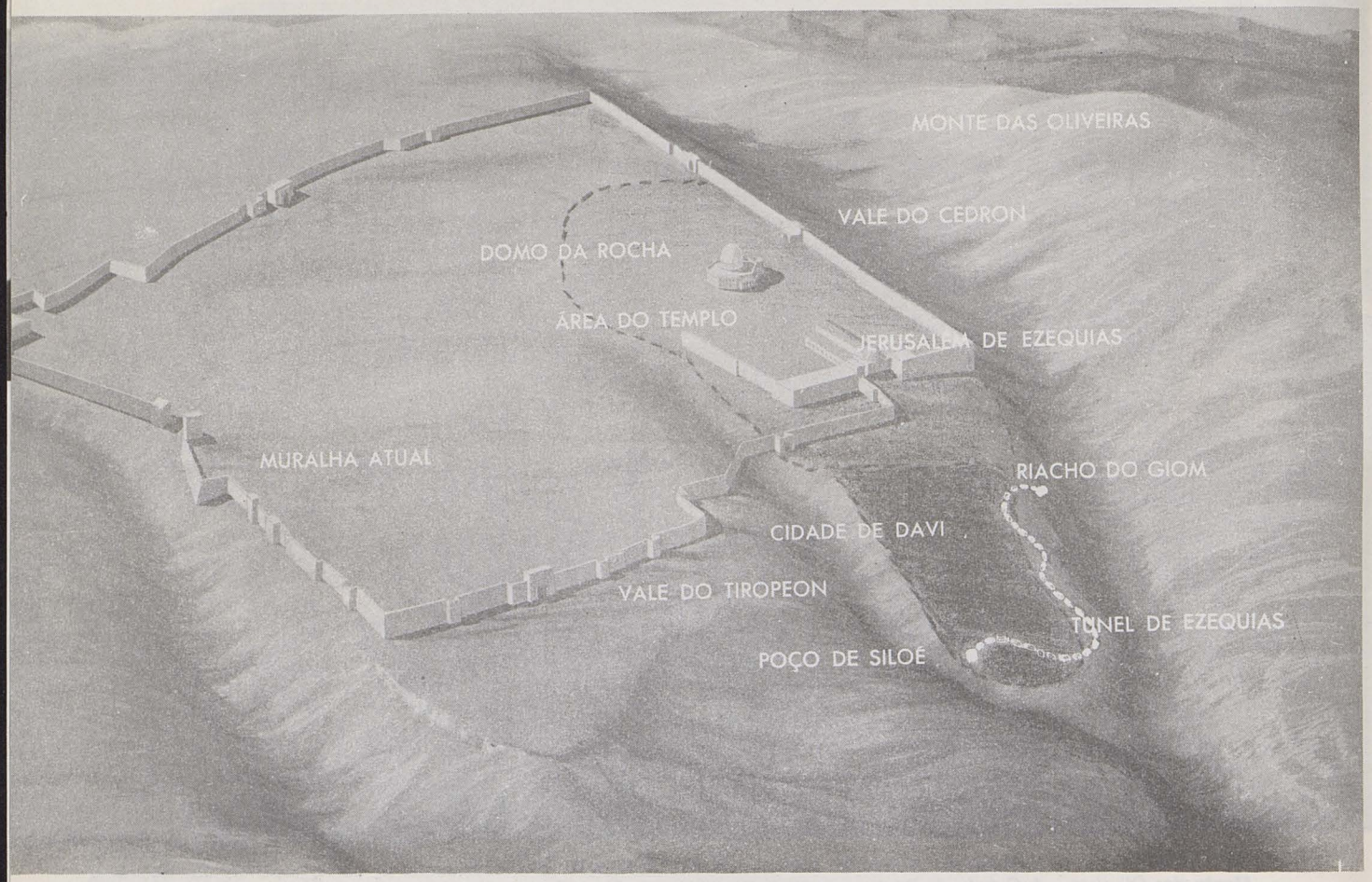
"No Senhor Deus de Israel confiou, de maneira que depois dêle não houve seu semelhante entre todos os reis de Judá, nem entre os que houve antes dêle.

"Porque se chegou ao Senhor, não se apartou de após êle, e guardou os mandamentos que o Senhor tinha dado a Moisés.

"Assim foi o Senhor com êle; para onde quer que ia se conduzia com prudência; e se revoltou contra o rei da Assíria, e não o serviu." (II Rs. 18:5-7)

Êstes foram tempos de tribulação para os povos da Palestina. No quarto ano de reinado de Ezequias, Salmanazar, rei da Assíria, conduziu seus exércitos contra o reino do norte, Israel, e levou muitos do povo em cativeiro.

Durante os anos que se seguiram, os exércitos assírios



atacaram as cidades muradas de Judá, e as capturaram uma por uma, até que 46 delas haviam caído. A grande cidade de Jerusalém parecia estar condenada. Ezequias tentou conseguir a paz, e o nôvo rei assírio, Senaqueribe, exigiu tributos. Para procurar satisfazer suas demandas e manter a paz, Ezequias deu não sòmente os tesouros da sua própria casa, mas também tôda a prata e o ouro do templo, removendo até mesmo o precioso metal das portas e pilares da Casa Sagrada. Não obstante, o rei assírio ameaçava aniquilar a cidade de Jerusalém, caso não se rendesse. Neste momento de grande aflição, Ezequias voltou-se para o Profeta Isaias solicitando orientação e enviou-lhe seus servos para informá-lo dos seus apuros.

"E Isaias lhes disse: Assim direis ao vosso senhor: Assim diz o Senhor: Não temas as palavras que ouviste, com as quais os servos do rei da Assíria me blasfemaram.

"Eis que meterei nele um espírito, e êle ouvirá um arruído, e voltará para a sua terra: à espada o farei cair na sua terra." (2 Rs. 19:6-7)

Com essa garantia, Ezequias recusou-se a entregar a cidade. E disse ao povo:

"Esforçai-vos e tende bom ânimo, não temais nem vos espanteis, por causa do rei da Assíria, nem por causa de tôda a multidão que está com êle, porque há um maior conosco de que com êle:

"Com êle está o braço de carne, mas conosco o Senhor nosso Deus, para nos ajudar e para guerrear nossas guerras..." (II Cr. 32:7-8).

Senaqueribe, entretanto, era um mestre na intriga; enviou, pois, homens para dentro da cidade para tentar influenciar o povo a virar-se contra o seu rei e render-se. A mensagem que trouxeram foi:

"Por ventura não vos incita Ezequias, para morrerdes à fome e à sêde, dizendo: O Senhor nosso Deus nos livrará das mãos do rei da Assíria?

"Agora, pois, não vos engane Ezequias, nem vos incite assim, nem lhe deis crédito; porque nenhum deus de nação alguma, nem de reino algum, pôde livrar o seu povo da minha mão, nem da mão de meus pais: quanto menos vos poderá livrar o vosso Deus da minha mão?" (II Cr. 32:11,15) E também tentou o povo com promessas de uma vida melhor caso se associassem a êle. (Vide Isaias 36.)

Quando estas táticas se provaram ineficazes, Senaqueribe enviou uma carta a Ezequias, exigindo que se rendesse. Levando a carta primeiramente a Isaias, e então ao templo, Ezequias a colocou diante do Senhor e perguntou o que deveria ser feito. Novamente, falou o Senhor a Isaias e disse-lhe para anunciar ao rei que havia ouvido sua oração e não permitiria aos assírios capturarem a cidade.

Entrementes, Ezequias puzera-se a reforçar as fortificações de Jerusalém. Uma das suas grandes preocupações deve ter sido o suprimento de água. Compreendeu que devido a que o córrego de Giom ficava fora das muralhas da cidade, caso os assírios atacassem, poderiam não sòmente cortar o suprimento de água da cidade como também usá-lo para seus próprios desígnios.

Assim, Ezequias convocou os seus "príncipes e seus poderosos" e foi proposto que se cavasse um túnel através da montanha, desde a fonte no vale do Cedron até ao vale do Tiropeon, para que a preciosa água do Giom pudesse ser desviada para dentro da cidade.

Era uma proposta ousada e temerária, e pode-se imaginar que acaloradas discussões devem ter tido lugar, especialmente quando foi sugerido que devido à exiguidade

do tempo, duas turmas deveriam começar pelos lados opostos da montanha e cavarem uma em direção à outra. Estariam corretos os cálculos dos engenheiros? Poderiam cavar tal distância através de sólida rocha com suas tôscas ferramentas? Encontrar-se-iam as duas turmas? Terminariam o túnel em tempo? Poderiam fazê-lo de modo tal que a água corresse?

Ezequias deve ter tomado a decisão final, talvez em conselho com Isaias, e foi dada ordem para urgir com o trabalho. A seu tempo, as duas turmas encontraram-se, o túnel foi terminado, a água foi desviada através dêle para dentro de Jerusalém e a nascente do Giom foi encoberta para que não pudesse ser achada pelos exércitos assírios.

Havíamos lido sôbre o túnel de Ezequias. Mas êle jamais havia excitado nossa imaginação até que tivemos oportunidade de explorá-lo com outros membros de um grupo turístico da Universidade Brigham Young no verão de 1966. O nosso guia local o havia atravessado há alguns anos e dissera que devíamos nos preparar para vadeá-lo, porquanto a água estaria a um nível de cêrca de trinta centímetros.

Tendo obtido velas, descemos os trinta e quatro amplos degraus de pedra que conduziam ao riacho de Giom. Experimentamos a água fria com as pontas dos pés e entramos no poço a fim de atravessar o túnel. A aventura foi uma experiência fabulosa. O túnel mede cêrca de 550 metros, e nossas finas velas quase haviam terminado quando atingimos a outra extremidade. Ao inspecionarmos o túnel, surpreendíamo-nos com a obra empreendida por aquela gente antiga. Cada metro do túnel é cavado através de sólida rocha. Não foram usados esteios de qualquer espécie. As ferramentas devem ter sido tôscas picaretas, cinzéis e martelos. É claro que não possuiam dinamite ou brocas como hoje em dia. Tôdas as lascas de pedra devem ter sido transportadas nos ombros dos operários. Quem quer tenha alguma vez trabalhado numa mina ficará imaginando de que maneira era fornecido ar fresco aos escavadores.

Ficamos boquiabertos com seus conhecimentos de engenharia. Conforme mostra o esbôço anexo, o túnel faz muitas curvas e tem a forma de um S modificado. Pusemo-nos a especular como já teria sido suficientemente difícil para aquêle povo ter começado por uma extremidade, cavar através da montanha e chegar a um lugar pré-determinado sem os instrumentos e o conhecimento que temos hoje, de modo que o simples pensamento de terem começado de ambas extremidades para encontrarem-se no meio pareceu-nos tão notável que dificilmente poderíamos compreendê-lo.

O túnel varia bastante em forma e largura, mas geralmente tem entre 30 a 50 centímetros de largura no fundo, e as paredes abrem-se em ângulo até um metro e, por vêzes, um metro e vinte centímetros. A altura varia de dois metros e quarenta centímetros até quatro e meio a seis metros em alguns lugares. O fundo é relativamente liso em todo o comprimento, mas em alguns pontos calhaus e rochas de diferentes tamanhos o cobrem, pelo que não foi de surpreender-se que alguns do nosso grupo emergissem com pés feridos e dedos sangrando. Estivemos no túnel por mais de uma hora; e à medida que as velas se consumiam e não podíamos ver a extremidade por causa das curvas, fortalecíamos os nossos espírito cantando "Vinde, ó Santos."

Mas afinal emergimos na saída do poço de Siloé. Êste era o lugar em Jerusalém que ainda não havíamos visitado, mas que tínhamos desejado ver, ûma vez que o tanque está relacionado com um importante evento no ministério do Salvador. A êste tanque Jesus mandou o homem que desde o seu nascimento fôra cego, para que lavasse os olhos após tê-los Jesus Cristo untado com barro; e assim tendo feito, o homem foi curado. (Cf. João 9:1-7)

O tanque mede cêrca de 5 por 15 metros e parecia uma colmeia, tal a atividade ao seu redor Uma porção de mulheres acocoradas lavava roupa nas margens rochosas, mais de uma dúzia de crianças nadavam e banhavam-se, e havia muitos espectadores. Talvez, em tempos antigos o nível do tanque estivesse próximo do nível do terreno circundante; hoje está a nove metros abaixo da superfície e tem acesso apenas por uma escada de pedra.

Considerando a magnitude do empreendimento da escavação dêste túnel e a sua importância na história de Jerusalém, surpreende-nos que os escritores bíblicos o tratem de maneira aparentemente tão despreocupada. O Segundo Livro de Crônicas:



Trinta e quatro amplos e toscos degraus de pedra conduzem para baixo, em direção ao famoso córrego de Giom. A vida de Jerusalém centralizou-se em tôrno das frias águas do Giom por centenas de anos. Em tempos anteriores, o poço poderia ter estado ao nível do terreno circunvizinho.

"Também o mesmo Ezequias tapou o manancial superior das águas de Giom, e as fêz correr por baixo para o ocidente da cidade de Davi... (II Cr. 32:30).

"Vendo pois Ezequias que Senaqueribe vinha, e que o seu rosto era de guerra contra Jerusalém,

"Teve conselho com os seus príncipes e os seus varões para que se tapassem as fontes das águas que havia fora da cidade: e êles o ajudaram.

"Assim, muito povo se ajuntou, que tapou tôdas as fontes, como também o ribeiro que se estendia pelo meio da terra, dizendo: Por que viriam os reis da Assíria, e achariam tantas águas?" (II Cr. 32:2-4)

O Segundo Livro de Reis faz sòmente uma breve referência a êste grande feito:

"Ora, o mais dos sucessos de Ezequias, e todo o seu poder, e como fêz a piscina e o aqueduto, e como fêz vir água à cidade, porventura não está escrito no livro das crônicas dos reis de Judá?" (II Rs. 20:20).

O relato de como os engenheiros e operários do rei Ezequias começaram o túnel de ambas as extremidades e encontraram-se no âmago da montanha não foi descoberto até 1880. Certo dia dois garôtos brincavam no

tanque de Siloé e desafiaram-se um ao outro a penetrar no escuro túnel. E foram adentrando, desprovidos de luz, cautelosamente tateando as paredes. Cêrca de 280 metros de montanha a dentro, um dos garôtos sentiu uma superfície mais lisa na parede, com algo que parecia serem caracteres gravados. Saindo do túnel, correram ao seu professor na Escola Infantil da missão Londrina aos Judeus, e relataram a sua experiência. Retornaram ao túnel supridos de archotes e confirmaram a afortunada descoberta. A inscrição agora famosa é conhecida como a inscrição de Siloé. Dizem os peritos que é uma mostra da mais antiga escrita hebraica conhecida. Traduz-se assim:

"Contemplai a escavaçao. Agora, esta é a sua história. Enquanto os escavadores ainda erguiam suas picaretas, cada um em direção ao seu próximo, e enquanto ainda havia três cúbitos a escavar, foi ouvida a voz de um homem chamando o seu próximo..., e após terem os escavadores batido picareta contra picareta, um contra o outro, a água jorrou do riacho para o tanque por uma distância de 1200 cúbitos."

Buscar-se-á em vão pela inscrição no túnel hoje, desde há muito tempo foi arrancada à talhadeira da parede por ladrões e levada para fora do país. Agora está no Museu do Antigo Oriente, em Istambul.

Há um pós escrito que deveria ser acrescentado à história de Ezequias. Tão grande foi a sua fé e tão boas as suas obras que recebeu uma benção que provàvelmente bem poucos homens têm experimentado. Adoecera gravemente; as Escrituras dizem que "êle estava doente de morte," tanto que o profeta Isaias veio a êle e sugeriu que pusesse em ordem a sua casa, pois que estava para morrer. Mas Ezequias sentia que a sua obra estava inacabada. Talvez não estivesse ainda acabado o túnel. Talvez soubesse que o povo necessitava da sua ajuda e da sua liderança.

Nos seus escritos, **Antiguidades Judaicas,** o historiador judeu Flávio Josefo diz: "Não obstante fôsse êle (Ezequias) muito zeloso e diligente no culto a Deus, logo veio a padecer de grave doença, pelo que os seus médicos o desenganaram, e nada de bom esperavam do seu mal, nem tão pouco os seus amigos: e além da própria doença, havia uma circunstância muito melancólica que o perturbava, o fato de não ter filhos, e estar para morrer, deixando a sua casa e o seu governo sem um sucessor do seu próprio sangue; por isso preocupava-se meditando na situação, e lamentou-se, e rogou a Deus que lhe prolongasse a vida um pouco mais até que tivesse filhos, não permitindo que partisse desta vida antes de tornar-se pai". (p. 301)

As escrituras não confirmam êste relato, senão em um dos eventos, Ezequias orou ao senhor, dizendo:

"Ah, Senhor, lembra-te, peço-te, de que andei diante de ti em verdade, e com coração perfeito, e fiz o que era reto aos teus olhos..."

Através de Isaias, Ezequias recebeu a mensagem: "Assim diz o Senhor, o Deus de Davi, teu pai: Ouvi a tua oração, e vi as tuas lágrimas; eis que acrescentarei aos teus dias quinze anos.

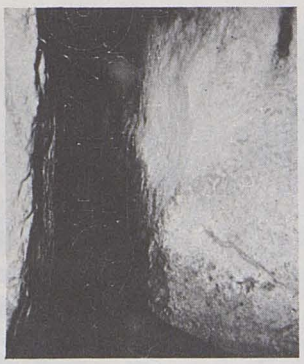
"E livrar-te-ei das mãos do rei da Assíria, a ti e a esta cidade; eu defenderei esta cidade." (Veja Isaias 38:1-6, II Rs. 20:1-6) Como sinal, o Senhor fêz com que o sol recuasse dez graus. (Veja II Rs. 20:8-11; Is. 38:7-8).

Fiel à sua promessa, o Senhor prolongou a vida de Ezequias e protegeu a cidade de Jerusalém. O rei Senaqueribe não chegou a atacá-la e logo deixou a Palestina retornando a Nínive. Posteriormente dois de seus filhos o mataram à espada enquanto adorava ao seu deus pagão.

Talvez não se devesse buscar evidências físicas para ajudar a consubstanciar a veracidade da Escritura. Não obstante, tal "prova" é interessante. De tôdas as evidências arqueológicas do Velho Testamento que temos visto nas nossas aventuras pela Terra Santa, nenhuma parece trazer mais perto as Escrituras ou dar-lhes maior significância e realidade que o túnel de Ezequias. A própria Cidade de Davi tem mudado, destruída e reconstruída numerosas vêzes com o passar dos anos. Talvez não mais exista nenhum dos edifícios que Isaias ou Ezequias conheceram. O vale do Tiropeon está assoreado com dez a vinte metros de entulho, o vale do Cedron não é mais tão fundo quanto era, o próprio nível da cidade é agora cêrca de dez metros mais alto do que antes. Mas esta passagem subterrânea, construída pelos operários do rei Ezequias, através da qual a água tem fluído por 2.700 anos, permanece a mesma e ajuda a fazer com que a história do profeta Isaias e do rei Ezequias e dos seus tempos se torne viva, é da maior significância, sentido e realismo a esta parte do Velho Testamento.



Esta foto foi tomada a meio caminho tunel adentro, no lugar onde as duas turmas de operários, que cavavam a partir das duas vertentes do monte, devem terse encontrado.





A Inscrição de Siloé, que narra a história da escavação do tunel, está em antigo hebraico, cinzelada na rocha da parede do tunel.



Os operários do Rei Ezequias cavaram através de 550 metros de sólida rocha para desviar as águas do Gion para dentro da cidade. Grande parte foi talhada na rocha. A configuração varia bastante.

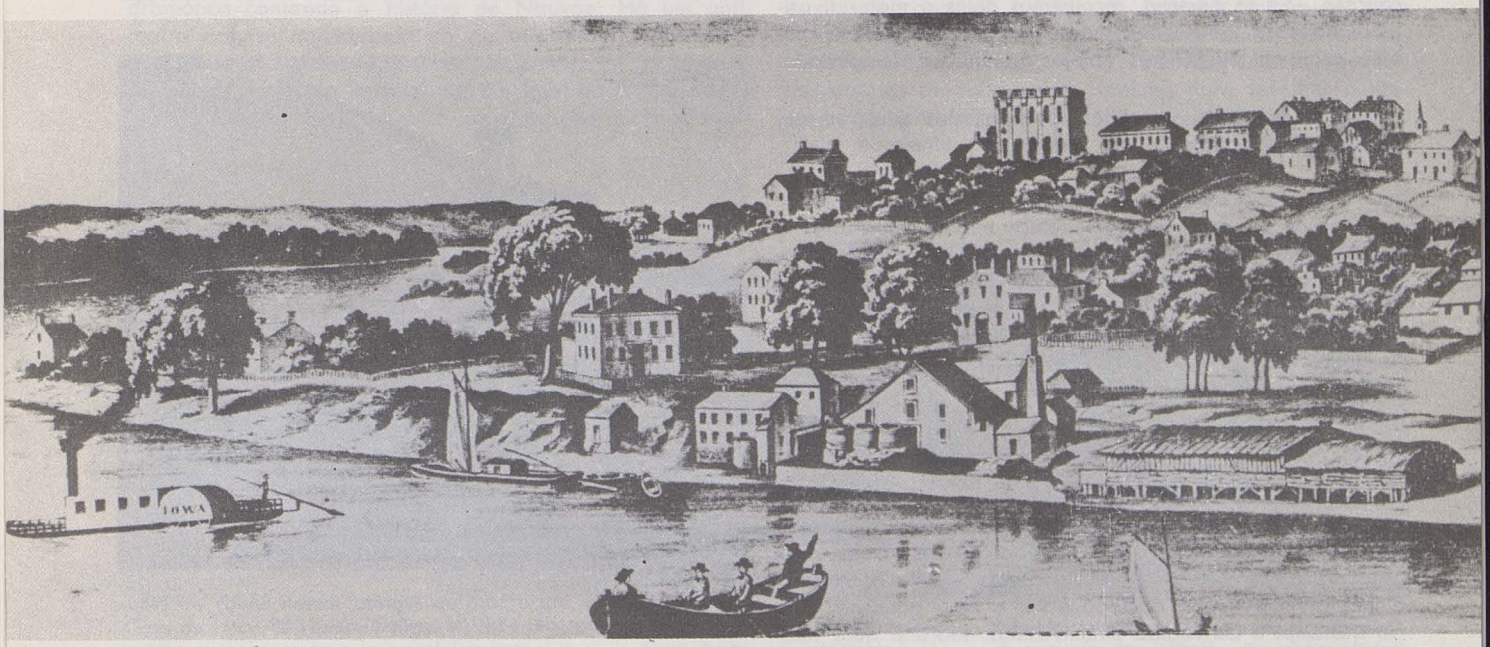
Entrevista

A Restauração de Nauvoo

Uma entrevista com o Dr. J. Leroy Kimball condensada de The Improvement Era



Desde os seus tempos de estudante de medicina em Chicago, de onde frequentemente viajava para Nauvoo, o Dr. LeRoy Kimball nutria esperanças de restaurar a que outrora fôra a Bela Nauvoo como monumento ao Profeta Joseph Smith e à Igreja. Em 1954 adquiriu a casa de Heber C. Kimball, seu bisavô, e seu projeto pessoal cêdo tornou-se de interêsse geral para a Igreja. Sob designação da Primeira Presidência, o Irmão Kimball é agora presidente da Nauvoo Restoration, Inc.



Esbôço de Nauvoo feito por John Schroeder, encontrado num mapa do Condado de Hancock. Nesta ocasião Nauvoo estava ocupada por Icarianos franceses e colonos germano-suiços.

P — Em breves têrmos, o que vem a ser a Nauvoo Restoration, Inc.?

R — Trata-se de uma firma sem fins lucrativos, patrocinada pela Igreja, que se destina à aquisição, preservação e restauração de parte da velha cidade de Nauvoo, no Estado de Illinois, lugar em que os santos viveram antes de imigrarem para o oeste. Esperamos prover um autêntico ambiente físico para o renovado interêsse público em Nauvoo. Os planos também prevêem o aproveitamento de lugares históricos ao longo da trilha dos pioneiros de interêsse para a Igreja.

P — Quanto de Nauvoo já foi possível adquirir?

R — Até o momento, noventa por cento das propriedades consideradas pela Primeira Presidência como sendo de capital importância histórica.

P — Ainda permanecem muitas das estruturas erguidas pelos santos?

R — Isto é o mais notável no que respeita a Nauvoo, trata-se verdadeiramente de uma grande cidade histórica. Há cêrca de 40 edifícios originais dos santos; alguns não em perfeitas condições, e outros têm sòmente os alicerces originais. As residências de Brigham Young, Heber C. Kimball, Willford Woodruff, Winslow Farr, Orson Hyde, James Ivin-Elias Smith, Erastus Snow, Nathaniel Ashby, Jonathan Browning, Joseph B. Noble, David Yearsley, Joseph W. Coolidge e o edifício do jornal **Times and Seasons,** todos estão em boas condições.

P — Que providências são tomadas após a aquisição de uma propriedade?

R — A maior parte do nosso trabalho atual é histó-

rico. A pesquisa histórica é encabeçada pelo Dr. Edgar T. Lyon, um dos mais destacados historiadores da Igreja.

Antes de empreendermos qualquer restauração de propriedade, precisamos saber quem viveu ali, quando e por quanto tempo, o estilo original e a estrutura do edifício. Precisamos saber que tipos de utensílios, ferramentas, mobiliário e tapeçaria foram usados no edifício. Êste tipo de informação acarreta laboriosa pesquisa em velhos diários, livros, notas, microfilmes, cartas, fotografias e desenhos de tôdas as procedências possíveis. O Dr. Lyon está constantemente empenhado em descobrir novas informações pertinentes a Nauvoo.

P — Qual é o procedimento para mobiliar uma casa restaurada?

R — Inicialmente, fazemos uma extensa pesquisa para saber o que havia na casa. Entramos em contato com os descendentes — ou esperamos que entrem em contato conosco — e se possível, recolhemos dêles o material original da casa. Não nos sendo possível descobrir a mobília original, adquirimos objetos autênticos do período.

P — Serão reconstruídas as casas das quais restam apenas os alicerces?

R — Sim. O papel do nosso arquiteto é o de recriar estas casas tal como foram. Temos muitas fotografias e desenhos de casas, lojas e outros edifícios de Nauvoo. Não se espera que tôdas as casas ainda em pé sejam restauradas como museus ou como casas para exibição, mas serão restauradas pelo menos no seu exterior para formar o fundo de uma seção da cidade que representará a cidade de Nauvoo como um todo.

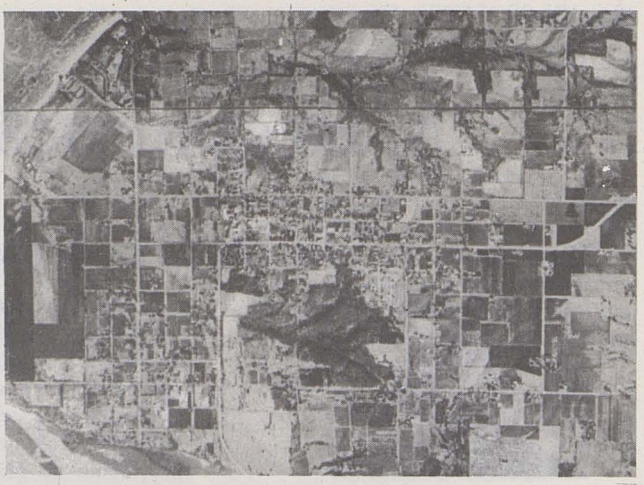
P — Quais são os planos para o quarteirão do templo?

R — Isto ainda não foi decidido. Uma das sugestões é que seja parcialmente restaurado, talvez reconstruído sòmente um canto do edifício até a base da tôrre. Isto permitirá às pessoas ter uma idéia da grandeza do templo e lhes permitirá subir ao tôpo e ver o belo panorama do rio Mississipi e da região circunvizinha, sôbre o qual tantos visitantes e santos escreveram.

P — Nos dias dos santos, o tráfego no rio Mississipi desempenhava importante papel. Há algum plano quanto ao rio?

R — Nos dias de Nauvoo, os santos possuiam e utilizavam vários vapôres de rodas e "navios a cavalo". Os vapores do rio eram o **Maid of Iowa** e o **Nauvoo.** Pretendemos construir duplicatas dêstes barcos e promover excursões pelo rio para aquêles que desejarem recreação e sentir o gôsto do passado. Os santos tinham também uma balsa que planejamos restabelecer. Atualmente, a mais próxima balsa fica a 160 km de Nauvoo e é surpreendente o número de turistas que desejam a singular emoção de cruzarem o rio por balsa.

P — A cidade será viva, com um sabor de passado, ou será uma cidade silenciosa, algo como um museu?



Vista aérea mostra antigas ruas de Nauvoo, edifícios atuais e os três lados dos limites da comunidade no Rio Mississippi.



"The Homestead" foi a casa do Profeta Joseph Smith em Nauvoo, de 1839 a agôsto de 1843.



Casa de Willford Woodruff, quarto Presidente da Igreja. Está sendo restaurada e remobiliada.

R — O grande potencial de Nauvoo esta em dar vida à cidade. As casas restauradas não utilizadas como museus ou para exibição, serão ocupadas como residências. Também desejamos reativar as lojas e oficinas com artesãos que desejarem desempenhar os vários negócios que existiam há mais de um século. Algumas das lojas serão econômicamente independentes e ajudarão manter o custo do projeto de restauração. Pensamos não sòmente em recriar parte da cidade tal como era, mas também suprir guias para mostrar aos turistas as casas e contar a história dos mórmons que alí viveram e como viveram.

P — Haverá também entretenimento?

R — A êsse respeito são várias as possibilidades, desde paradas da Legião de Nauvoo até uma apresentação dramática contando a história de Nauvoo. Há um anfiteatro natural na margem do rio que poderia acomodar fàcilmente milhares de pessoas. Esperamos ter uma apresentação dramático musical escrita que atraia turistas e retrate a dramática história da ascenção e queda de Nauvoo.

P — Qual a sua impressão pessoal sôbre o projeto?

R — Tenho duas impressões que gostaria de participar. Primeiro, desejo que todos os santos dos últimos dias saibam que a Igreja não está comprometendo-se em algo que venha envolver fantásticas despesas. Êste projeto completo de restauração é tal que poderíamos interrompê-lo em qualquer das dez fases do seu programa de desenvolvimento sem perdermos nada. Cada fase pode sustentar-se sòzinha e ainda satisfazer razoàvelmente aos visitantes.

Segundo, estou realmente entusiasmado pelas possibilidades de Nauvoo, e o surpreendente é que todos os peritos que tomam conhecimento do nosso projeto ou a quem recorremos procurando auxílio também estão. Como vê, a grande história de Nauvoo jamais foi realmente contada, nem mesmo pelos santos dos últimos dias. A migração mórmon é a única migração na qual uma comunidade inteira, com suas indústrias, instituições, religião, escolas e conceitos políticos e culturais, mudou-se para o faroeste. É a única migração americana com um caminho em dois sentidos, isto é, repetidamente enviavamos missionários de volta pelas planícies para recolher o nosso povo. Enquanto todos os demais dirigiram-se para o oeste mòrmente por razões de especulações financeiras,



Casa de Heber C. Kimball antes de se começar a restauração e o remobiliamento.



Vista atual da casa de Kimball, restaurada e aberta aos visitantes.



Dormitório principal da casa de Kimball. A maioria dos móveis são antiguidades.

P — Em que extensão Nauvoo se tornará um instrumento missionário?

R — A Igreja manterá um centro de informações localizado na cidade,- onde os visitantes poderão entrar em contato com os missionários e discutir questões doutrinais e receber outras informações. Os guias de Nauvoo são estudantes universitários finos e educados, muitos dos quais com experiência missionária. Fazem um relato histórico de Nauvoo, das pessoas que ali viveram, suas crenças e o que faziam, de maneira atraente aos turistas.

Temos um serviço de referências para aquêles que desejam saber mais sôbre a Igreja. Sabemos pela experiência passada que uma boa porcentagem dos turistas deseja saber mais, e muitos tem sido convertidos. Numerosos visitantes tem voltado repetidamente. No ano passado, mais de 97.000 pessoas registraram-se no nosso centro de informações e nas casas em exibição.

os mórmons tomaram sua fé, suas famílias, seus pobres, seus doentes e estabeleceram uma comunidade inteiramente auto-suficiente.

Por muitos anos Utah serviu como entrepôsto para os que se dirigiam à Califórnia e ao Óregon. A história tem sido contada do ponto de vista da Igreja, mas o seu lugar na história americana e sua contribuição para o estabelecimento dos Estados ocidentais dos Estados Unidos jamais foi contado adequadamente. Esta é uma das razões pela qual muitos não mórmons também estão entusiasmados.

Nauvoo é um grande centro de onde contar histórias: A história da Nauvoo mórmon, a história da migração de todos quantos foram para o Oeste, a história do tráfego comercial do Mississipi e a sempre agradável experiência de ver como viviam as pessoas de outros tempos. Nos anos vindouros creio sinceramente que Nauvoo tornar-se-á uma das grandes atrações históricas na América e um monumento o Profeta Joseph Smith.

Sêde Confortados

Marion D. Hanks

do Primeiro Conselho dos Setenta



Alguns dias atrás, enquanto ponderava sôbre que tema escolher para êste discurso, recebi uma carta de um pai angustiado cujo filho se transviara e se envolvera em sérias complicações. Quase na mesma hora o telefone transmitiu um pedido de auxílio de uma mãe em circunstâncias semelhantes. Naquela semana uma seção da Igreja num jornal publicou uma carta de uma mãe desconsolada, cujo filho fôra destruído pelo uso de drogas. A experiência nos relembra inúmeros exemplos similares.

Todos êsses casos envolviam pais que tentaram honestamente cumprir seu dever, viveram vidas honrosas e devotadas, criaram excelentes famílias, amaram e encontraram muito que louvar no filho que escolheu o mau caminho. E, no entanto, o filho se transviara.

Além da angústia causada pelo filho, nesses casos freqüentemente se acrescenta a censura dos conhecidos e a auto-condenação da pessoa quando são lidas escrituras nas aulas, reuniões e discursos da Igreja.

Que tem nossa religião para dizer a um pai honesto que, como todos os outros, cometeu seus erros, mas nem por isso deixou de dar o seu melhor — conseguindo apenas ver o filho desdenhar seus ensinamentos e exemplos para seguir um outro caminho?

Possìvelmente nenhum assunto é abordado com mais freqüência e diligência nas instruções, admoestações e programas da Igreja nestes dias que o da responsabilidade dos pais para com seus filhos. Todos os que se associam com jovens e famílias sabem da importância dessa ênfase e ninguém pode duvidar da validade do esfôrço.

Poucas admoestações das escrituras são mais claras ou firmemente externadas que as relativas à responsabilidade de pais e adultos para com seus filhos e a geração jovem. Se tivéssemos de escolher uma escritura que fôsse talvez a abordada com maior freqüência por oradores e professôres da Igreja, seria seguro escolher a Seção 68 de Doutrina e Convênios, onde está registada uma conhecida instrução do Senhor a seus filhos. Nela, além de conselhos específicos para alguns irmãos, foram incluídas também certas instruções de caráter geral. Entre as grandes advertências do Senho está o versículo:

"E novamente, se em Sião ou em qualquer de suas estacas organizadas houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e do batismo, e o do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, ao alcançar oito anos de idade, sôbre a cabeça dos pais seja o pecado." (D & C 68:25.)

Paternidade, diz a revelação, envolve a responsabilidade de "ensinar as crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor." (V. 28.)

Meus propósito hoje é expressar profundo reconhecimento pela validade e divindade dessas instruções e dizer que creio nelas e as aceito como palavras do Senhor. Mas há outra face na medalha, que também merece atenção e piedade.

Todos nós estamos cônscios de que o lar e a influência paterna e adulta são de grande importância na vida dos filhos. Comentando a relação adulto-criança neste mesmo púlpito, alguns anos atrás, salientei que, entre outras coisas, êstes fatos ocorrem:

1. Os filhos têm a tendência de ser como seus pais e como os lares de onde provêm.

2. São também influenciados pelos companheiros nascidos em outros lares e, dessa forma, pelo ambiente dêsses lares e pelos pais que nêles vivem.

3. Outros adultos e a sociedade têm também influência marcante sôbre a juventude.

4. Os jovens descobrem logo a verdade a respeito de seus pais e de pessoas adultas cujo procedimento não é consistente com as convicções que professam.

É verdade que há casos de excelentes jovens que se elevam acima do nível de suas famílias, de sua própria instrução e dos exemplos da geração adulta. Êles de alguma forma descobrem o caminho por si mesmos, criam ideais elevados, e manifestam determinação, coragem e capacidade para atingí-los. Mas existem exceções na outra face da medalha também e é sôbre êsses que desejo falar agora.

Que dizer a respeito de pais honestos e sinceros que dão o melhor de si para criar a família em integridade e devoção e só conseguem ver seu filho (ou filhos) escolher caminhos que magoam o coração de seus pais. Como os outros progenitores, êste pai e esta mãe, cônscios de sua vulnerabilidade e limitações, buscaram zelosamente criar seus filhos segundo a admoestação do Senhor. Ao ouvir as pregações e os testemunhos e observar a boa sorte dos conhecidos cujos filhos seguem o bom caminho, seus corações se confrangem e seus espíritos se deprimem. Desesperam-se com perguntas que não podem responder, criticam-se a si mesmos e nisso são auxiliados pelas acusações

por vêzes insensatas de outros.

O que se pode dizer a êsses pais desconsolados? Haverá algum incentivo para êles nas escrituras? Que disseram os profetas?

Ezequiel profetizou durante o cativeiro de Israel. Pregava a um povo que se comprazia em atribuir seus problemas aos pecados das gerações precedentes. Citavam constantemente uma profecia: "Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram." (Ez. 18:2.)

Há sem dúvida certa dose de verdade nesse provérbio, como qualquer pai ou observador da vida o reconhece. Nossos filhos sofrem de muitas formas por nossas falhas ou negligências, da mesma forma com que prosperam pela boa orientação, amor e bons exemplos que lhes damos.

Advertindo Israel, assim falou o profeta: "E veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Que tendes vós, vós que dizeis esta parábola acêrca da terra de Israel, dizendo: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram? Vivo eu, diz o Senhor Jeová, que nunca mais direis êste provérbio em Israel." (Ez. 18:1-3.)

Em meu entendimento, Ezequiel não estava minimizando o doloroso sofrimento impôsto ao filho que é privado da verdade ou mal orientado por um pai sem fé. Estava, sim, reafirmando para Israel a grande importância da responsabilidade individual diante de Deus e da imparcialidade dêle ao julgar cada homem de acôrdo com seu próprio caráter. Ouçam estas palavras do Senhor ao profeta, reveladas imediatamente após a injunção a que não mais empregassem (ou mal empregassem) êsse provérbio em Israel:

"Eis que tôdas as almas são minhas: como a alma do pai, também a alma do filho é minha: a alma que pecar, essa morrerá." (V. 4.)

Repetindo as últimas palavras, "a alma que pecar, essa morrerá," o Senhor acrescentou:

"...o filho não levará a maldade do pai, nem o pai levará a maldade do filho: a justiça do justo ficará sôbre êle e a impiedade do ímpio cairá sôbre êle." (V. 20.)

Ezequiel recomendou então o arrependimento e a obediência, salientando que o pecador arrependido pode evitar a eterna conseqüência de seu êrro através do perdão do Senhor. O homem iníquo que se arrepender e tornar-se justo viverá. E o justo que se fizer iníquo morrerá. Todo o homem precisará um dia postar-se diante de Deus e responder por suas decisões e por seu caráter. Creio que o que Ezequiel disse à antiga Israel aplica-se igualmente à moderna Israel. Quando um lar ou um coração está ferido pelo mau caminho escolhido por um filho rancoroso ou rebelde, que frustra os esforços de seus responsáveis, Deus compreende e não condena os pais honestos.

Jeremias citou e refutou o mesmo provérbio:

"Naqueles dias nunca mais dirão: os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram.

"Mas cada um morrerá pela sua iniqüidade: de todo o homem que comer as uvas verdes os dentes se embotarão." (Jer. 31:29-30.)

Êsses pais entristecidos podem obter algum consôlo na história da primeira família da Bíblia. Esforçando-se zelosamente por viver em obediência a seu conhecimento do bem e do mal, aquêles fiéis procuraram orientar seus filhos. Um dêles compreendeu e ofereceu a Deus um sacrifício aceitável. O outro não pôde ou não quis compreender. Deus não atentou para êle e sua oferta. Tão grande foi sua incompreensão que se levantou contra seu irmão e o matou.

E o que dizer da primeira família do Livro de Mórmon? Criados pelo mesmo pai e pela mesma mãe, na mesma casa, alguns filhos amaram a Deus e seguiram os conselhos dos pais. Foram leais à sua herança e à suas promessas. Outros tomaram o caminho oposto, obstinados, rebeldes, indiferentes aos ensinamentos, exemplos e advertências de seu pai e sua mãe. Repetidamente se entregaram a seus caprichos, cortando o coração dos pais e buscando sua própria destruição final.

Se houver necessidade de mais provas da freqüência com que ocorre o problema e da profunda compaixão do Pai para com aquêles que sofrem com êle, consideremos outra família na qual um filho aceitou humildemente o conselho e o plano de seu Pai e seguiu-o de acôrdo com seu desejo; enquanto outro, também uma autoridade no reino de seu Pai, seguiu seus próprios caprichos com arrogância, rebelando-se contra Êle e contra suas instruções. E, não contente com isso, induziu uma terça parte de seus irmãos a rebelarem-se também e seguirem-no, para sua própria tristeza e decepção.

Qualquer que seja a interpretação dada às instruções de Ezequiel, certamente se inclui nelas esta exortação àqueles cujos lares gozam paz, alegria e júbilo por causa de sua posteridade: sêde humildes. Tende compaixão, consideração e orai pelos que sofrem o infortúnio de ter um filho no mau caminho. Agradecei a Deus, vigiai e orai e sêde humildes.

Àquêles que sofrem a amargura de ter um filho indiferente à orientação e ao exemplo paternos, diremos: sêde confortados. Deus compreende. Êle sabe o que significa ter um filho rebelde e filhos transviados. Muitos outros compreendem também.

Diga-se de passagem que não tenho intenção de diminuir a importância de fazermos tudo o que pudermos para conduzir, dirigir e inspirar nossos filhos à obediência. Podemos molestar tràgicamente as suas vidas com os nossos fracassos. Mas deve haver preocupação e consideração também no reconhecimento do princípio do livre arbítrio em pessoas responsáveis e a responsabilidade de responder pelas escolhas que forem feitas.

Deus requer que todos nós assumamos responsabilidade por nossas decisões individuais; Êle julga cada homem de acôrdo com seu caráter. E ensinou-nos, não apenas através de Ezequiel, que todo o homem deve responder por si próprio e por suas decisões. Entretanto, deseja que todos se voltem para Êle e vivam, não sentindo prazer algum no sofrimento de seus filhos por seus pecados.

Numa revista de publicação recente li esta afirmação: "Nos últimos seis dias da Páscoa, os judeus fazem uma oração especial — o Hallel. A tradição reza que quando os egípcios, perseguindo os israelitas, foram tragados pelo Mar Vermelho, o Senhor impediu seus anjos de cantar louvores, admoestando-os: "Como podeis cantar hinos, enquanto minhas criaturas se afogam no mar?"

Deus nos ajude a ser humildes se formos abençoados com filhos que seguem o caminho que lhes é indicado. Deus nos auxilie a ter compaixão dos outros cuja experiência não foi tão favorável. E permita que os bons pais, aquêles que verdadeiramente se esforçaram mas foram frustrados em seu intento, conheçam o amor, a compreensão e o generoso alento que emana dêle e de seu coração compreensivo. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Bispado Presidente

O Senhor Pode Contar com Donato



Pela animação reinante, era difícil perceber que se tratava apenas da garotada da vizinhança, jogando seu futebolzinho de tôdas as tardes. Mas já estava anoitecendo e êles se preparavam para ir embora, após o último gol decisivo de Donato. Enfiando os casacos, ajuntaram-se ao redor dêle e saíram do campo batendo um papo animado.

Passaram primeiramente pela casa de Donato e depois das despedidas o rapaz entrou. Seu pai estava no telefone, chamando os Mestres Familiares de seu Quorum de Élderes, marcando as reuniões de avaliação oral. Donato ouviu sua mãe na cozinha. Ao se aproximar, ela se voltou da pia, sorriu e disse: "Olá. Enquanto você estava fora o irmão Aquino, secretário da ala, telefonou e disse que o bispo quer conversar com você amanhã às 7 horas da noite no escritório. Seu pai e eu vamos também."

Donato ficou um tanto admirado e disse: "O irmão Aquino disse do que se tratava?"

Nessa hora seu pai acabou de telefonar e apanhou o fio da conversa. "Não — respondeu — o irmão Aquino não disse, mas é possível que o Senhor tenha alguma tarefa para você executar."

Donato olhou pensativo para seu pai, depois foi para o quarto com muitos pensamentos atravessando-lhe a mente.

O último jôgo e seu gol decisivo, que haviam ocupado seus pensamentos até há pouco, foram postos de lado e o garôto agora começava a rememorar certas coisas que eram mais importantes do que tudo o mais para êle. Pensando no encontro com o bispo, recordou-se da época, apenas um ano antes, em que fôra entrevistado pelo bispo com respeito a seu desejo de aceitar as responsabilidades do Sacerdócio Aarônico. Para êle, êsse foi o maior acontecimento de sua vida. Seu pai e sua mãe haviam-lhe falado muitas vêzes a respeito das bênçãos e responsabilidades do sacerdócio. Donato se lembrava

A responsabilidade mais importante

que um rapaz de treze anos pode ter.

do que o pai lhe dissera ao voltarem para casa após sua primeira reunião sacerdotal juntos. "Donato — falou êle — nenhum pai poderia estar mais orgulhoso de seu filho do que estou hoje de você. Você é portador do sacerdócio de Deus. Nunca se esqueça disso, onde quer que se ache e o que quer que esteja fazendo.

Ao pensar nessas palavras do pai, Donato sentiu os olhos marejados, como ficaram naquela hora. Amava seu pai e procurava viver de acôrdo com seus conselhos. Sempre orgulhara-se de possuir o sacerdócio.

Depois de orar naquela noite, o garôto deitou-se com êsses pensamentos.

Na noite seguinte, Donato e seus pais foram à capela. Entraram no edifício e sentaram-se na sala de espera, em frente ao escritório do bispo. Dentro de poucos minutos, o bispo Cavalcanti saiu da sala, cumprimentou os pais de Donato e depois apertou a mão do rapaz, convidando-o a entrar. Seus pais foram informados de que seriam chamados dentro de alguns minutos.

Ao entrar, Donato foi cumprimentado pelos conselheiros do bispo Cavalcanti.

Nos minutos seguintes, o bispo inquiriu o garôto quanto a sua dignidade pessoal e seu amor pelo Senhor. Convencido da inteira qualificação do rapaz, êle disse: "Donato, pedimos que você viesse hoje aqui para chamá-lo a uma obra que o Senhor tem para você."

Donato sentiu-se tomado de entusiasmo ao ouvir isso. "Bispo", disse êle, "estou disposto a fazer qualquer coisa que o Senhor tenha para mim."

O bispo sorriu para seus conselheiros, voltou-se para o rapaz e disse: "Tínhamos certeza de que sua resposta seria essa. O chamado que nos sentimos inspirados a fazer-lhe é a responsabilidade mais importante que um rapaz de sua idade pode ter."

Percebendo a seriedade na voz do bispo, o rapaz fitou-o atentamente.

"Donato, o Senhor deseja que você presida o Quorum de Diáconos de sua ala. Mas antes que atenda ao chamado, deixe-me dizer-lhe quão importante e vital é essa posição de presidente do Quorum de Diáconos." O bispo apanhou Doutrina e Convênios e abriu na Seção 107, verso 85, e leu lentamente: "E, novamente, na verdade vos digo que o dever do presidente dos diáconos é presidir sôbre doze diáconos e, de acôrdo com o que é dado nos convênios, assentar-se em conselho com êles, ensinar-lhes os seus deveres, edificando-se uns aos outros." Seu dever como presidente do Quorum de Diáconos seria exatamente o que o Senhor disse — aconselhar e ensinar os membros de seu quorum."

O bispo parou e disse: "Donato, acho que você nem pode avaliar completamente a grande responsabilidade que o Senhor deposita sôbre um rapaz de treze anos. Talvez você compreendesse melhor se eu a comparasse às responsabilidades de seu pai como presidente do Quorum de Élderes. Em Doutrina e Convênios lê-se o seguinte a respeito das responsabilidades do presidente do Quorum de Élderes: "... o dever do presidente dos élderes é presidir sôbre noventa e seis élderes e assentar-se em conselho com êles e ensinar-lhes de acôrdo com os convênios." Assim você vê," continuou o bispo, "que o presidente do Quorum de Diáconos tem para com seu quorum a mesma responsabilidade que seu pai com o de élderes."

Nesse momento o bispo Cavalcanti voltou-se para seu segundo conselheiro e disse: "Irmão Bruno, como o senhor está diretamente ligado ao quorum de diáconos, poderia explicar para Donato algumas das coisas que o Senhor espera de um presidente dêsse quorum?"

"Bem, Donato," começou o irmão Bruno, "as responsabilidades específicas dêste cargo estão descritas no manual que é dado a cada presidente de quorum. Mencionarei apenas algumas. Você e seus conselheiros presidirão tôdas as reuniões semanais. Visitarão os enfermos e inativos de seu quorum. Como presidente, você deve se reunir com seus conselheiros e planejar o trabalho, fazendo designações e examinando as atividades de cada membro do quorum. Essa presidência deve também conversar com todo o nôvo diácono ordenado e explicar-lhe as responsabilidades que agora tem e quais as oportunidades de exercer o sacerdócio, para que êle se comprometa a cumprir seu dever e guardar os padrões da Igreja, após terem sido analisados. Há muitas outras responsabilidades, Donato, de que o presidente deve se desincumbir e se você aceitar êste cargo, poderá estudá-las com mais vagar no manual."

O bispo Cavalcanti sorriu e disse: "Donato, o Senhor pode contar com você para executar essa responsabilidade, como presidente do nosso Quorum de Diáconos?"

O garôto replicou com segurança: "Sim, bispo, aceito êsse cargo e farei tudo o que o Senhor espera de mim."

"Ótimo, meu filho," disse o bispo. "Quer agora convidar seus pais a entrar?" Todo o bispado se ergueu com a entrada dos pais de Donato na sala e o bispo Cavalcanti disse: "Donato aceitou o chamado para ser presidente de nosso Quorum de Diáconos e prometeu cumprir tudo o que o Senhor espera dêsse cargo. Discutiremos quem êle irá escolher para seus conselheiros e queremos que os irmãos, como seus pais, lhe dêem apoio e incentivo neste cargo tão importante, o mais importante que um jovem pode receber."

Donato sentiu o braço do pai nos ombros e sua mãe pôs a mão sôbre a dêle. Ambos asseguraram ao bispo seu apoio e incentivo e saíram do escritório.

O rapaz sentia como nunca que o Sacerdócio Aarônico era realmente a maior responsabilidade que poderia ser dada a um rapaz de sua idade e estava determinado a transmitir essa convicção a todos os companheiros de seu quorum de diáconos.

Orquídeas na Cozinha

Elsie Sim Hansen



Uma tempestade se avizinhava quando olhei pela janela da sala. Vai chover dentro de poucos minutos, pensei, colocando um lenço na cabeça e preparando-me para dar uma corrida até a vizinha em frente, para pedir uma xícara de açúcar emprestada.

Ao entrar na cozinha de Laura e pedir o açúcar notei que ela estava passando roupa com uma maravilhosa orquídea branca no ombro do vestido caseiro.

"Parece que está fazendo uma comemoraçãozinha particular", comentei sorrindo, enquanto apontava com a cabeça na direção da orquídea.

Laura corou um pouco e sorriu, dizendo: "Acho que sim, apesar de não ir hoje a lugar nenhum. Sérgio e eu comemoramos ontem à noite nosso aniversário de casamento.

"É uma linda flor. Acho que nunca vi uma orquídea branca tão grande", repliquei.

"É maravilhosa, não é", disse Laura. "Foi por isso que não consegui deixá-la dentro de uma caixa na geladeira, onde não poderia vê-la e apreciar sua beleza. Naturalmente sei que não durará muito se a usar, mas que valor teria também trancada numa geladeira escura? Quero obter dela o máximo de alegria possível.

Fiquei em silêncio por um momento, como que procurando assimilar a idéia. Laura relanceou os olhos para mim e disse: "Acho que outras pessoas também já usaram flôres dentro de casa, mas a idéia não me teria ocorrido se não tivesse ido ajudar mamãe a arrumar as coisas de vovó, quando ela morreu um ano atrás."

"E o que tem isso?" perguntei. "Por êsse motivo é que está usando flôres na cozinha?"

"A casa de vovó estava cheia de presentes que lhe haviam dado, inclusive uma arca de cedro repleta de fronhas bordadas, panos de prato, toalhas de mesa e muitas outras coisas. Tudo amarelado por causa do tempo. Mamãe disse que havia perguntado a vovó várias vêzes por que não usava essas coisas e ela sempre lhe respondera que as reservava para uma ocasião especial, só que essa ocasião nunca chegou. Compreende agora?"

Senti uma pontada de culpa percorrer-me a espinha ao me lembrar de todos os presentes que armazenava, portanto repliquei na defensiva: "Não muito, porque acho boa idéia deixar algumas coisas bonitas guardadas para ocasiões especiais."

"Eu também", respondeu Laura, "mas não do jeito que vovó fêz. Pense bem. Quanto tempo e esfôrço os amigos e parentes dispenderam para lhe dar os lindos presentes. Agora ela se foi sem dar a si mesma a oportunidade de aproveitá-los."

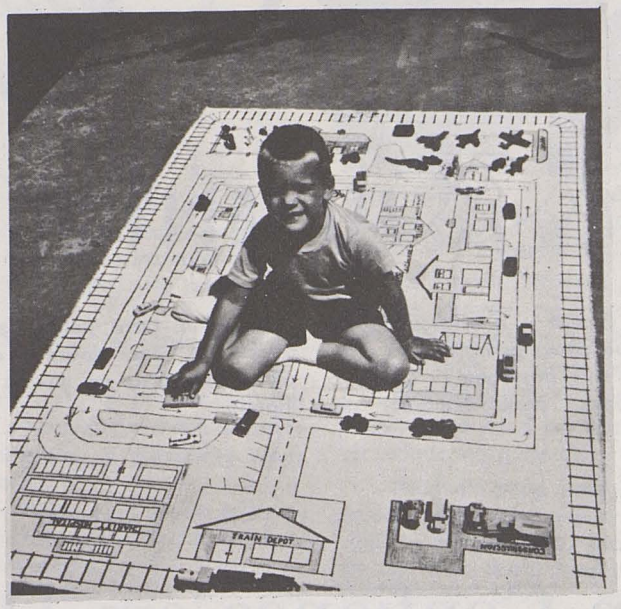
"Talvez seu prazer consistisse apenas em saber que os possuía", comentei.

Laura me olhou descrente por um momento e depois comentou: "As escrituras dizem "pois se um dom é conferido a um homem, de que proveito é se êste não o aceita?" Vovó evidentemente nunca aprendeu a usufruir os seus. Sérgio e eu decidimos auferir o máximo de alegria e felicidade possível de nossos dons agora, hoje, enquanto é possível."

Ao apanhar a xícara de açúcar do escorredor eu disse meditativamente: "Ainda bem que vim hoje aqui, Laura. Já é tempo de minha família e eu começarmos a aproveitar algumas orquídeas que possuímos."

Um Brinquedo que Êle Vai Adorar

June F. Krambule



Horas de divertimento foram proporcionadas ao pequeno Michael Anderson por sua avó, a sra. Ivan Anderson, de Shelly, Idaho, que o presenteou com um brinquedo barato e durável no Natal — o qual continuará estimulando sua imaginação enquanto os meninos gostarem de carrinhos e aviões. Trata-se de uma "Cidade em Miniatura" — uma espécie de cidade mágica — perfeita para os dias de chuva ou horas em que o pequeno precisa ficar limpinho quando mamãe tem que sair.

Êsse brinquedo é confeccionado com um pedaço de lona pesada (sugerimos que seja de aproximadamente 1,20 m por 1,80 m). Sôbre ela delineia-se a planta de uma cidade, contendo todos os edifícios com os quais os meninos estão familiarizados, inclusive estação ferroviária, escola, igreja, hotel, hospital e supermercado. Para aumentar o interêsse, a cidade pode conter ainda uma companhia construtora, com fascinantes guindastes e caminhões basculantes, um zoológico, uma fazenda e um aeroporto para alojar todos os aviõezinhos que zunem e roncam nas mãos dos pequerruchos.

Em volta da cidade correm trilhos de trem, traçados com "pincel mágico", da mesma forma que os edifícios e ruas. (O "pincel mágico" pode ser comprado na maioria das papelarias.)

Uma caixa contendo trenzinhos, animais para o zoológico e uma grande variedade de carrinhos, inclusive ambulância e caminhão de leite, é fornecida junto com o brinquedo, para que os pequenos se entretenham horas a fio. As casas ao longo das avenidas têm garagens para abrigar os automóveis em miniatura. Essas garagens são bôlsos de musselina com pregas na beira, dentro dos quais os dedinhos gorduchos podem enfiar os carrinhos.

As casas e outros prédios delineados com "pincel mágico" podem ser levemente coloridos a creiom.

Você tem um garôto imaginativo? Por que não fazer para êle uma Cidade de Brinquedo, para que passe as horas de reclusão brincando de ir à Escola Dominical, entregar leite, carregar pacientes para o hospital, aterrissar o jato ou trabalhar na fazenda. Êste presente é interessante de confeccionar, fácil de enviar pelo correio, ocupa pouco espaço e não suja as roupas. Tem todos os predicados que os adultos apreciam — e muito divertimento para um garotinho.



JUVENTUDE DA PROMESSA

Todos nós devemos ter o desejo — e esforçarmo-nos por torná-lo realidade — de que nossa peregrinação através da vida deixe traços de sua passagem. Como o acendedor de lampiões, o homem pode demarcar seu caminho na terra pelas luzes que deixa após si, mesmo depois de haver dobrado a esquina. Cada ato é uma placa indicativa ao mundo do caminho que estamos trilhando.

Hugh B. Brown

Com Confiança em Deus

Loye Wright

"...em Deus coloquei minha confiança;
não temerei o que a carne me possa fazer."
(Salmos 56:4.)

O que fazia você na tarde do dia 10 de junho de 1963? Provàvelmente não se lembra. Mas Ron Clark sim. Na verdade, nunca se esquecerá. Jazia imobilizado debaixo de um caminhão de duas toneladas, num charco do deserto. Junto dêle estavam seus melhores amigos — mortos. Ao redor via-se os destroços do violento dessatre ocorrido quando o grande caminhão despencou de uma montanha, com a preciosa carga de 45 pessoas. Doze delas estavam mortas. Outras vinte, feridas. O próprio Ron ficara prêso perto da cabina do grande veículo, onde se concentrava o maior pêso. Seu maxilar fôra deslocado na queda e a perna esquerda estava esmagada sob o caminhão.

Assim que pôde libertar os braços e a perna direita o rapaz ajeitou o queixo sòzinho, da melhor forma que pôde, em meio ao chôro e aos gritos dos feridos. O superintendente da AMM, que acompanhava o grupo de escoteiros, para os quais esta excursão deveria ser uma atividade formidável, não ficara machucado e fazia a ronda, averiguando a extensão do dano. Quando chegou perto de Ron, perguntou-lhe como estava. O rapaz recostou a cabeça para trás.

"Charlie," sua voz tremia, "eu perdi a perna." Não conseguia sentir nenhum sinal de vida na perna esquerda e visões terríveis do futuro atravessaram-lhe a mente. Mas, a despeito da dor e do temor, foi êle quem ficou tranqüilizando os demais: "Está tudo bem. Hão de tirar-nos daqui."

Ron foi o último a ser retirado dos destroços. Logo depois de ser levado para o Hospital Panguitch, sua família chegou de Provo.

"Estou bem, mamãe," disse êle.

Êsse Explorador de 16 anos demonstrou extraordinária coragem. E poucos dias mais tarde requereu-se que mostrasse talvez maior valor ainda.

Foi enviado para casa, onde tinha de ser alimentado através de um tubo, porque não estava em condições de mover o maxilar ferido. Mal conseguia falar. Também não podia cantar. Para Ron isso era muito sério. Durante tôda a vida havia proporcionado grande alegria aos que o ouviam, com sua voz incomparável. Com apenas 12 anos comovera aos que, na Conferência Geral, assistiram sua admirável interpretação de "Listen, Dear Teacher" e "When He Comes Again" (Ouve, Caro Mestre e Quando Êle voltar.) Há apenas um ano havia cantado no côro, numa conferência de estaca. Seus amigos tinham cantado com êle nessa ocasião — os mesmos que ajudaram a planejar a viagem ao sul de Utah.

Ron recordava como estavam felizes: Randy Miller, Lynn Merrell, Gary Christensen, Gary Rasmussen, Joe Erickson e Gordon Grow — todos bons amigos. Foram dias alegres aquêles. Agora o aguardava o funeral de Gordon e, no dia seguinte, o funeral conjunto de seus outros cinco amigos mais chegados. Ron mal conseguira caminhar um pouco com muletas quando o presidente da estaca, Ben E. Lewis, o chamou.

"Ronnie", disse êle, "as famílias dos rapazes querem que você cante no funeral."

Mas como? Seu maxilar estava ferido demais para mover-se. Além disso... eram cinco amigos bem queridos.

"Você vai conseguir," prometeu o presidente Lewis, "se orar e realmente o **desejar.**"

Êle queria muitíssimo. Os dias que se seguiram foram cheios de oração. Sabia que apenas o Senhor poderia ajudá-lo a realizar a incrível incumbência.

Na manhã do funeral não pôde comer; seu ueixo estava rígido e falava através dos dentes cerrados. O ensaio foi um fiasco. Com os dentes cerrados Ron não conseguia ressonância nem potência de sua voz. Mas tinha dado a palavra que não deixaria de cantar.

Continuou orando fervorosamente até a hora em que se sentou com seu irmão Bob no côro do velho Tabernáculo de Provo.

Então de repente, minutos antes de cantar, um sentimento de paz o dominou e Ron voltou-se para seu irmão. "Estou conseguindo mover o queixo!" sussurrou. "Sinto-me muito bem!"

Apanhou as muletas, foi mancando até o órgão e com um sorriso débil acenou para o organista Byron Jensen. O jovem Explorador se ergueu em tôda a sua estatura e olhou para baixo, vendo as urnas cheias de flôres, com os corpos dos cinco amigos com os quais convivera pràticamente tôda a vida. Como poderia cantar?

Sua voz se elevou, bela e pura. "Que o Senhor os abençoe e guarde..." As notas firmes encheram o tabernáculo e subiram ao céu na brisa de verão. "Encha seus sonhos com doces amanhãs. Não importa o que tenha sucedido..." A melodia continuou forte até o fim, mas na última frase... Ron não pôde prosseguir. A voz lhe faltou e êle sussurrou: "... até nos vermos outra vez."

As lágrimas corriam pelas faces de mil e quinhentas pessoas reunidas no tabernáculo — lágrimas não apenas pelos cinco rapazes que tinham sido levados, mas também pela coragem do jovem Explorador com o maxilar inchado.

Quanto ao maxilar — imediatamente após a canção cerrou outra vez e semanas se passaram antes que pudesse ser aberto novamente.

Ninguém pode dizer a Ron que os milagres não acontecem. Êle teve alguns chamados para trabalhar na região, depois disso, mas está agora vivendo o sonho de sua vida, numa missão nos Estados Costeiros do Leste dos Estados Unidos. Milagres, porém, não acontecem por si mesmos. Exigem fé verdadeira, oração sincera e grande esfôrço pessoal. Neste caso, todos foram exercidos liberalmente por um jovem muito forte.



Descobertos Manuscritos Egípcios

adaptado de "Daily Universe"

SALT LAKE CITY — URGENTE. Uma coleção de manuscritos egípcios há muito perdidos foi apresentada à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Os fragmentos de papiro, que se acreditava terem sido destruidos no incêndio de Chicago, em 1871, foram apresentados ao Presidente N. Eldon Tanner da Primeira Presidência da Igreja, pelo museu Metropolitano de Arte de Nova York.

Acompanhando o manuscrito, achou-se uma carta certificando que os papiros foram propriedade de Joseph Smith, primeiro presidente da Igreja. A carta está assinada por Emma Smith Bidamon, viuva do Profeta, e pelo seu filho, com data de 26 de maio de 1846.

A coleção inclui um manuscrito identificado como o documento original do qual Joseph Smith copiou o desenho conhecido como "fascímile número um," da Pérola de Grande Valor.

Vários outros papiros possuidos pelo Profeta estão incluidos na coleção apresentada à Igreja pelo Museu.

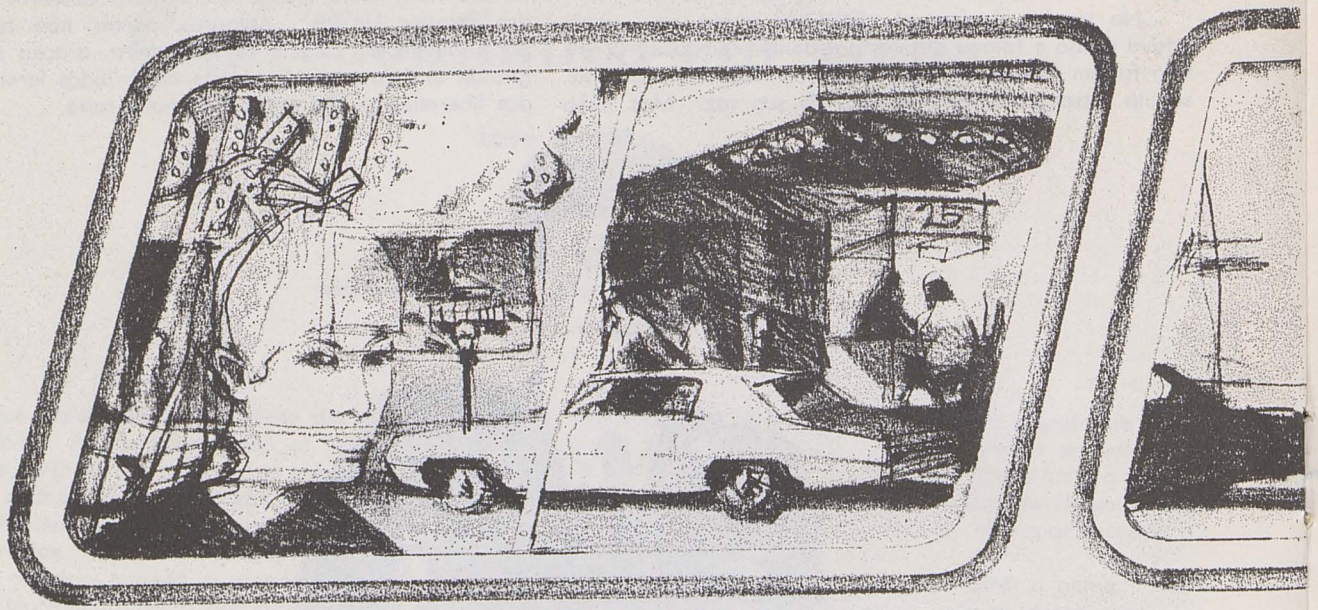
Joseph Smith adquirira os papiros junto com quatro múmias egípcias em 1835. Após a sua morte, em 1844, as múmias e os manuscritos foram vendidos pela sua viuva. No incêndio de Chicago em 1871, pelo menos duas das múmias foram destruidas. Acreditou-se que nessa ocasião também se teriam queimado os manuscritos.

Não obstante, foram acidentalmente descobertos pelo Dr. Aziz S. Atiya, diretor aposentado do Centro de Estudos do Oriente Médio da Universidade de Utah, quando procurava papiros coptas e arábicos no depósito do Museu.

"As grandes descobertas sempre foram acidentais, como esta," disse o Dr. Atiya, membro da Igreja Ortodoxa Copta. "Fiz muitas descobertas em muitos lugares, mas é desta que mais me orgulho."



Os papiros foram levados a Salt Lake City para exame e estudo mais completo.



Jolene apertou a malha ao redor dos ombros e olhou pela rua acima, à espera do ônibus. No lusco-fusco do anoitecer avistou os faroletes vermelhos avançando laboriosamente através do tráfego.

"Anda logo, anda logo", murmurou consigo mesma. Detestava ficar parada no ponto do ônibus, com todos olhando para ela. Detestava mais ficar ali do que tomar o ônibus.

Logo o bufar dos freios a vácuo e um forte odor de motor diesel envolveram-na em núvens azuladas de fumaça. Enquanto apanhava o porta-níqueis, as portas se abriram suavemente e o motorista ficou observando-a subir.

Jolene atirou a moeda na caixa coletora e estava prestes a sentar-se quando uma gargalhada a surpreendeu. Dois rapazes escorregavam no último banco, batendo um contra o outro e rindo ruidosamente.

"Não!" sussurrou ela e uma vermelhidão embaraçosa tingiu-lhe a testa e as faces.

"Dan Todd! Não! Estou tão horrível. Por que fui encontrá-lo logo hoje?" Curvou a cabeça depressa e escorregou para um lugar vago. Manteve o rosto baixo e ajeitou o cabelo escorrido, puxando-o para a frente, colocando-o atrás da orelha, para logo puxá-lo novamente.

Os rapazes continuavam a brincadeira, dando empurrões e cotucões um no outro, para depois cair na risada. A cada nova manifestação, Jolene afundava no banco um pouco mais.

Um homem magro de meia idade adiantou-se sem firmeza pelo corredor do ônibus, apalpando para encontrar a barra de metal dos bancos. Chegou até o motorista e sorriu.

"Esta é a rua Frost?"

"É sim, sr. Durlany". O motorista hesitou um momento, depois acrescentou: "Não sei como o senhor consegue saber em que rua estamos".

"Ora. Charlie, o homem não vê apenas com os olhos, sabe?" O cego riu e desceu cautelosamente os degraus.

Fora, o sol, um polido círculo de bronze, escorregava por detrás dos picos nevados.

Cegueira

Suzanne Eyestone

Quando Jolene levantou o rosto para olhar através da janela viu apenas seu próprio rosto num reflexo oscilante. Contemplou-se por alguns momentos, analisando os contornos do nariz e dos olhos, detendo-se nas espinhas e nos cílios curtos e espessos. "Ah, como gostaria de ser bonita. Daria tudo, tudo! Meu Deus — implorou baixinho — por favor, faça-me ficar bonita."

Vislumbrou um movimento dos rapazes no vidro e viu que estavam apontando para ela.

"Provàvelmente estão comentando a minha feiura." Jolene percebeu que o próximo ponto era o seu e levou semi-conscientemente a mão ao cordão. A campainha soôu alto e ela se sobressaltou.

Uma vez fora do ônibus, apertou mais a malha contra o peito e enterrou o rosto nela, sentindo sua maciez.

"Sou feia, feia, feia! Não admira que ninguém goste de mim. Até eu me odeio."

Encolheu-se ainda mais dentro da malha e fugiu para a escuridão. Os rapazes do ônibus ficaram curiosamente quietos, contemplando a silhueta que desaparecia na calçada.

"Ei, Dan, quem era aquela? Parece que você a conhecia."

"Uma colega de classe."

"Ela é bem bonitinha, não?"

"É. Isso é o que atrapalha. — ela só pensa em si. É uma convencida."

O ônibus, com suas lanternas traseiras vermelhas brilhando, prosseguiu vagarosamente pela avenida, depois dobrou uma esquina e sumiu de vista.

ESCOLA DOMINICAL

A Regra de Ouro do Ensino

Peter J. Dyson

A "Regra de Ouro" é quebrada tão freqüentemente no ensino quanto em qualquer outra profissão. Qual é a "Regra de Ouro" do ensino? Expressa de maneira simples é: **"Ensinai assim como gostaríeis de serdes ensinados."** Isto significa que, independente da idade dos alunos, na qualidade de professôres deveríamos colocarnos na posição de indivíduos daquela idade e perguntarmos a nós mesmos: "De que modo esta apresentação contribuiria para aumentar o meu testemunho do Evangelho de Jesus Cristo?" Algumas sugestões são apresentadas na discussão que se segue:

Cêrca de três anos atrás, minha espôsa e eu comparecemos ao concêrto de uma filarmônica russa. Devido a termos chegado ao apagar das luzes, perdemos o primeiro número. Enquanto esperávamos, passeamos pelo saguão e viemos a dar com um homem que tocava um violino. Introduzimo-nos na sala e puzemo-nos a ouví-lo. De repente,, êle olhou as horas no relógio, vestiu o paletó, pôs sua gravata e deixou apressadamente a sala. Seguímo-lo, e para nossa surprêsa, entrou no salão de concêrto como solista convidado. Êle havia aprendido um dos segrêdos de atrair a atenção, que também se aplica ao ensino: **Não se deve ensinar com o motor frio.** Eis a razão de se fazer a reunião de oração antes das aulas: é para esquentar.

No segundo capítulo de **Atos,** lemos que no dia de Pentecostes o povo ficou assombrado com os discursos que ouviu. O que tornara os discípulos tão diferentes dos pescadores que tinham seguido a Jesus antes da sua crucifixão? Aquêles homens agora falavam com autoridade. Êste é o segundo segrêdo de prender-se a atenção: **Devemos falar com convicção.** Eis a razão de recebermos o dom do Espírito Santo — para nos ajudar a ganhar testemunhos que nos permitam falar com convicção.

Quando Jesus Cristo estava conversando com a mu-

Jóias Sacramentais de Janeiro

Escola Dominical Sênior

Disse Jesus: "Se alguém quizer fazer a vontade dêle, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se falo de mim mesmo." João 7:17

Escola Dominical Júnior

Disse Jesus: "O meu mandamento é êste: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei." João 15:12

lher no poço de Samaria, pegou-a de surprêsa quando falou-lhe não sòmente sôbre o seu presente companheiro mas também sôbre os seus maridos anteriores. Não a censurou, ainda que conhecesse as suas fraquezas. Êste é o terceiro segrêdo de se obter atenção: **Deveríamos nos preocupar em conhecer algo sôbre os membros da nossa classe.**

Mencionamos três segrêdos de conseguir atenção, segrêdos que não são realmente segrêdos, pois têm sido praticados desde o início dos tempos. Mesmo Adão não foi enviado ao Jardim do Éden sem instruções. Estava de certo modo preparado para as novas experiências.

Se estudarmos antecipadamente, falarmos com convicção e conhecermos os membros da nossa classe, então estaremos prontos a **atrair a atenção** dos alunos. Como faremos agora para **manter essa atenção?**

Como deveríamos começar uma discussão em classe para atrair a atenção dos membros e focalizá-la sôbre uma idéia? Sôbre que espécie de idéia queremos focalizá-la? Há várias maneiras possíveis de se começar uma lição. Eis aqui algumas:

1. **Quem nos poderia dizer o que estudamos na semana passada?**

2. **Na semana passada estudamos... hoje estudaremos...**

3. **Imaginemos que estamos... como vocês fariam...?**

A mais comum, a mais cruel e talvez a mais pobre destas é a primeira. É como abrir-se uma caixa de Pandora para um tagarela, e deixa a pessoa que estêve ausente sem nada de positivo para pensar. O membro da classe que fôr "alvo de atenções" logo aprende que tudo que tem a fazer é dar uma espiada no manual de lições durante a abertura na capela e em seguida roubar de cinco a dez minutos bancando o sabichão na aula. Outros membros da classe sentem-se inclinados a recostarem-se e "deixar a bola para o Jorge."

Não deveríamos dar corda aos alunos antes de termos encenado a aula e termos a classe sob o nosso firme contrôle. Perguntas que façam os alunos "pensarem" são muito melhores no início da aula que perguntas que tentem fazê-los "recordarem-se". Para apresentar uma dessas perguntas recomendadas é necessário encenar a questão, e dar a cada membro um papel nela. Quanto mais vìvidamente a questão é encenada, mais vìvidamente o membro da classe se verá identificado com o problema que se quer apresentar. À medida que o aluno se vê como parte da cena, seu interêsse vai se tornando mais aguçado.

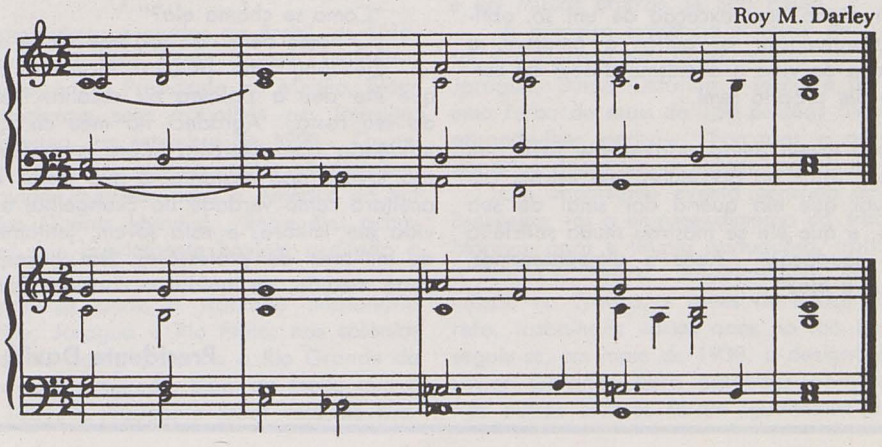
Se desejarmos relacionar a lição da semana passada com (1) a vida da última semana, (2) a lição desta semana e (3) a vida da semana vindoura, é imperativo que planejemos nossas observações de abertura com oração e muita meditação. Então, da mesma forma como o violinista convidado corre o arco sôbre as cordas para produzir um som fiel, nossas primeiras palavras como professôres, soarão com autoridade e convicção.

Outro pensamento para ser mantido em mente tanto na preparação quanto na apresentação da aula são os antecedentes dos alunos. Deveríamos nos familiarizar com o programa do ensinamento ministrado aos membros nos anos anteriores. Isto significa, na Escola Dominical, que saibamos o que tem sido ensinado na Primária, na AMM, e nas classes do Sacerdócio para que possamos capitalizar a experiência prévia dos alunos. Falhando em fazer isto, poderemos inadvertidamente cacetear nossos alunos Cada vez que uma parábola é repetida, deveria sê-lo com nova colocação com maior profundidade em relação à idade atual e à situação dos membros da classe.

Finalmente, como mestres, devemos aprender a nos descontrairmos e a obtermos contentamento da experiência. Guardem bem isto! O que importa não é o número de idéias presentes numa lição, mas a maneira em que são apresentadas. Talvez, em lugar de apresentá-la, deveríamos **extraí-la** da classe; pois o membro que contribui com o núcleo da idéia, para tê-la moldada e adaptada à sua própria vida, sai satisfeito. Esta satisfação mútua é a recompensa da aplicação da "Regra de Ouro" no ensino.

Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais de Janeiro

Roy M. Darley



Deveríamos ou Não?



A. Laurence Lyon

Ouve-se freqüentemente alguém perguntar se é ou não permissível à regente admitir que as crianças, na Escola Dominical Júnior, escolham um hino favorito para ser cantado durante o ensaio. Argumenta-se muitas vêzes que êste método atrai a atenção e o interêsse das crianças, ajudando-as a identificarem-se com os trabalhos do culto; e mais, que êste sistema dá variedade ao período de ensaio, além de fazer um uso eficiente do tempo. Diz-se também que as crianças apreciam fazerem parte de qualquer programa e acham divertido selecionar o hino favorito; elas muitas vêzes escolherão hinos que lhes agradam mas que a regente tem esquecido de cantar por algum tempo. Nas ocasiões em que a regente tem de ser substituída na última hora, esta é a única maneira de realizar o ensaio.

A prática de permitir aos membros de uma congregação, seja de adultos ou de jovens, escolherem espontâneamente um hino a ser cantado durante o período de ensaio não é sábia. As perdas para a Escola Dominical, devido a êste procedimento, excedem bastante os ganhos:

Primeiro: O contrôle dos trabalhos do culto, quanto à seleção de hinos apropriados a serem cantados na Escola Dominical passa do regente à congregação.

Segundo: O propósito do ensaio perde o seu sentido, pois em lugar de ensinar os hinos de Sião de maneira reverente, em adoração, o regente e o organista freqüentemente apresentarão hinos que os outros desejam cantar, porém já por demais batidos e não apropriados ao Dia do Repouso.

Terceiro: Perde-se o espírito de reverência e adoração mediante o intercâmbio de comentários entre o regente e a congregação, ou, no caso da Escola Dominical Júnior, entre a regente e as crianças que teimam em escolher um hino favorito, sem levar em conta a sua natureza.

O período de ensaio não é ocasião para "diversão" ou canções recreativas. As crianças não estão na Igreja para serem entretidas. Se as regentes desejam usar hinos favoritos, por que não preparar-se com antecedência para isto, perguntando aos membros da Igreja o que gostariam de cantar, fora do período da Escola Dominical, escolhendo então os mais apropriados para uso no Dia do Descanço?

A Responsabilidade do Professor

Pensem no efeito que teria sôbre a sociedade, se cada professor digno, sem exceção de um só, obtivesse o sucesso em influenciar os outros a amarem, a terem a mesma pureza de vida e o mesmo desejo de servir ao próximo que êle próprio tem!

Certa vez vi uma jovem ainda adolescente fazer um esfôrço especial para falar ao garotinho que estava comigo. Pude observar que ela queria dar sinal de sua presença ao menino, e que êle se mostrou muito satisfeito em retribuir a sua saudação. Após a ultrapassarmos, perguntei-lhe: "Quem é ela?"

"Minha professôra," respondeu êle.

"Como se chama ela?"

"O nome dela não sei, mas ela é um amor!"

Êle usou uma palavra incorreta, mas o significado que êle deu à palavra eu reconheci e li na expressão do seu rosto. Agradeci no meu coração à môça pela influência que exercera sôbre o menino. Uma donzela tão jovem, não obstante, o que disser em sua classe êle aceitará como verdade do Evangelho; o que fizer na sua vida êle imitará; e esta jovem, juntamente com dezenas de milhares de professôres, tem a responsabilidade, em certa medida, de moldar o caráter daquêle garôto.

Presidente David O. McKay

História da Igreja no Brasil

A Missão Brasileira

Lloyd R. Hicken

Presidente da Missão Brasileira

Por muitos e longos séculos, um poderoso gigante jazera adormecido sob o resplendor do Cruzeiro do Sul: Era a América do Sul.

A Dedicação da América do Sul

No Natal de 1925, o Irmão Melvin J. Ballard, Apóstolo do Senhor, e os Presidentes Rulon S. Wells e Ray L. Pratt, do Primeiro Conselho dos Setenta, reuniram-se num pequeno parque nos arredores de Buenos Aires, ao romper do dia, e ali o Élder Ballard dedicou a América do Sul à pregação do Evangelho. Já em 1852, outro Apóstolo do Senhor, o Élder Parley P. Pratt, tentara despertar o gigante adormecido. Mas, após três meses de esforços infrutíferos em Valparaíso, Chile, retornara ao lar.

Em sua oração dedicatória, disse o Élder Ballard: "E agora, oh Pai, pela autoridade da bênção e da designação pelo Presidente da Igreja, e pela autoridade do Santo Apostolado que possuo, giro a chave, destranco e abro a porta para a pregação do Evangelho nestas terras e abençoamos e dedicamos as nações desta terra para a pregação do Evangelho."

Poucos mêses após, a 4 de julho de 1926, o Élder Ballard profetizou: "A obra do Senhor por algum tempo crescerá vagarosamente aqui, como um carvalho que vagarosamente cresce de uma bolota. Não brotará num só dia como o girassol, que cresce ràpidamente e então morre, porém milhares filiar-se-ão à Igreja aqui. A obra dividir-se-á em mais de uma missão e será uma das mais fortes da Igreja. O trabalho aqui jamais será menor do que agora. Dia virá quando aos lamanitas desta terra será dada uma oportunidade. A Missão Sul-Americana será uma potência na Igreja."

Não muito após terem-se passado estas coisas, o grande gigante bocejou, espreguiçou-se e começou a mover-se.

Os Primeiros Missionários

Os primeiros missionários enviados ao Brasil, os Élderes William Fred Heinz e Emo Anton Joseph Schindler, foram designados pelo então Presidente da Missão, Élder Reinhold Stoof, e iniciaram seus trabalhos em Joinville, Estado de Santa Catarina, em setembro de 1928. Os esforços iniciais foram feitos em alemão, entre os alemães, muitos dos quais haviam imigrado para a América do Sul logo após a Primeira Guerra Mundial. Entre êles achavam-se alguns santos que prèviamente haviam aceitado o Evangelho na Alemanha.

Durante os primeiros anos, o trabalho missionário confinou-se a Joinville, Jaraguá e Rio Prêto, nas colônias do interior do Estado de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em Joinville a obra progrediu bem, de modo que a 25 de outubro de 1931, o Presidente Stoof veio de Buenos Aires para dedicar a primeira capela de propriedade da Igreja na América do Sul. Nessa significativa ocasião havia seis missionários e noventa e oito membros e investigadores presentes. A primeira Sociedade de Socorro, com vinte e quatro sócias, foi organizada em 1933 em Joinville.

A Abertura da Missão Brasileira

Em maio de 1935, desembarcou no Brasil, juntamente com sua família, o Presidente Rulon S. Howells, que recebera designação da Primeira Presidência da Igreja para abrir uma Missão no país, o que aos 25 do mesmo mês veio a tornar-se fato.

A obra prosseguiu em língua alemã sob a administração do Pres. Howells. No final do primeiro ano de atividade na Missão Brasileira, relatou êle à Primeira Presidência: "Os lugares no Brasil onde a obra começou e agora tem prosseguimento estão apartados por uma considerável distância. Não obstante, é possível visitar os ramos e os missionários pelo menos uma vez cada três ou quatro meses, o que já tem produzido um efeito benéfico sôbre o moral e o espírito dos missionários, muitos dos quais não têm sido visitados pela sede da antiga Missão Sul-Americana nos últimos dois anos."

Nessa época, constavam do registro de membros da Igreja, quatro sacerdotes, quatro mestres, sete diáconos, vinte e nove membros masculinos, sessenta e quatro membros femininos, dezoito meninos e dezessete meninas, totalizando 128 membros. Havia então nove missionários engajados no trabalho.

Os primeiros batismos na Missão Brasileira foram realizados em 6 de fevereiro de 1936, para duas crianças (maiores de oito anos) e um converso. A obra progredia em Joinville, São Paulo e Rio Prêto (Ipoméia) no interior catarinense. Nêsse mesmo ano, os missionários começaram também o trabalho de proselitismo em Blumenau, Jaraguá, Rio Branco, Nôvo Hamburgo e outras cidades, e em muitos bairros de São Paulo.

A primeira evidência tangível de perseguição à obra foi manifestada em 29 de agôsto de 1936, na cidade de Jaraguá, Santa Catarina. Incitada por um padre local, uma turba de mais de 150 pessoas atacou os missionários atirando-lhes pedras. Forçados a ocultarem-se, os missionários deixaram a cidade pouco mais tarde.

Um importante evento ocorrido em 1937, na Missão Brasileira, foi o empreendimento da tradução do Livro de Mórmon para a língua portuguêsa, trabalho êsse confaido a Daniel C. Shupe. Anteriormente, êsse irmão servira em missão na França, e antes de iniciar esta importante tarefa, trabalhara vários anos no Rio de Janeiro. A isso seguiu-se, em maio de 1938, a designação do Élder Lucias Levier Gardner para aprender português. Logo após, três outros élderes foram igualmente designados. Dessa

época em diante passou-se a designar pares capazes de se exprimirem em português e alemão, para que fôsse possível conversarem com todos que encontrassem.

O primeiro panfleto da Igreja em língua portuguêsa, "O Testemunho de Joseph Smith", foi impresso em 20 de maio de 1938, sendo logo distribuído para uso dos missionários.

O Início da Pregação no Vernáculo

Após três anos e meio de bons serviços prestados, o Pres. Howells foi substituído, a 29 de setembro de 1938, pelo Pres. John Aldon Bowers. Devido às condições da política internacional, o Pres. Bowers notou logo o surgimento de um sentimento antagônico ao povo alemão, e declarou no seu relatório anual à Primeira Presidência: "Devido à pressão política, um maior número de alemães agora fala português em lugar de alemão... reuniões em alemão têm sido proibidas em alguns lugares onde a obra está sendo executada." Um ano mais tarde as reuniões em alemão foram proibidas por um período de sete meses. Após o estabelecimento de relações amistosas com as autoridades brasileiras locais, foi permitido o reinício das reuniões.

Em 1939 e 1940, houve um notável incremento no trabalho em português que, pela época, já havia ultrapassado bastante o trabalho em alemão. Em muitos bairros de São Paulo já se trabalhava em português. Foram abertas à pregação as cidades de Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Piracicaba, Guaratinguetá, Niterói, Ponta Grossa, Vitória e Juiz de Fora.

O primeiro batismo registrado em São Paulo, dentro do trabalho em língua portuguêsa, foi o de Marcos Vasques, tendo a ordenança sido realizada pelo Élder Ferrel W. Bybee. Desde o importante evento do lançamento do "Livro de Mórmon," que ocorreu em março, até maio dêsse mesmo ano, mais outros cinco panfletos haviam sido impressos e postos em uso pelos missionários.

Com o choque causado pela entrada do Japão e dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, a pregação em alemão foi bruscamente interrompida no Brasil, em dezembro de 1941, sendo ao mesmo tempo suspensa a vinda de novos missionários dos Estados Unidos.

Os Anos da Segunda Guerra Mundial

Em 20 de abril de 1942, o Pres. Bowers foi substituído pelo Pres. William W. Seegmiller. Já no final dêsse ano, uma grande parte dos missionários havia deixado o país. Ao findar 1943, todos já haviam-se ido, concluindo dêsse modo a primeira grande fase da Missão Brasileira.

O Pres. Seegmiller escreveu: "Os nossos corações estão entristecidos hoje porque quando o Élder Platt e nosso filho mais jovem deixarem o Rio de Janeiro no próximo sábado, ficaremos muito sòzinhos. Ambos deverão apresentar-se às juntas de recrutamento nos Estados Unidos para o serviço militar."

De dezembro de 1943 ao fim de 1945 a missão operou sem missionários. Muitos ramos foram fechados por falta de Sacerdócio para dirigí-los. Alguns poucos ramos receberam presidências locais, sendo o primeiro dêstes o de Campinas, em novembro de 1943.

Durante a guerra, o Irmão George Wippold foi chamado a presidir o ramo de Ipoméia, no interior de Santa Catarina. Declarou êle que isto se dera por ser êle o único membro que falava português. O Irmão Wippold, tanto quanto sabemos, é membro da Igreja a mais tempo que qualquer outra pessoa do sexo masculino, tendo sido batizado ainda na Alemanha, em 1920. Em 1925 veio para o Brasil, e após ter vivido dois anos em Pôrto Alegre, estabeleceu-se em Rio Prêto, mais tarde chamada Ipoméia.

Reinício da Pregação no Após Guerra

No final da guerra, o Élder Harold M. Rex, que antes fôra missionário no Brasil, substituiu o Pres. Seegmiller em 2 de maio de 1945. No final dêsse ano, o Pres. Rex registrou: "A guerra deu um língua mãe ao Brasil. O alemão está desaparecendo ràpidamente como idioma no Brasil, e quase exclusivamente fala-se o português."

Nos dois anos seguintes, muitas das áreas de pregação anteriores foram reabertas. Em 1947, o trabalho foi iniciado em Santo André, Santos e Itaim.

Em março de 1948, a Missão Brasileira foi honrada com a primeira visita de uma Autoridade Geral na pessoa do Élder Stephen L. Richards, do Conselho dos Doze, acompanhado da sua espôsa. Por ocasião da sua visita foram realizadas conferências que muito inspiraram aos santos e aos missionários.

Retorna o Presidente Howells

Em 2 de março de 1949, retornou ao país, em companhia de sua espôsa e filhos, o primeiro presidente da Missão Brasileira, Élder Rulon S. Howells, em substituição ao Pres. Rex.

Marcou época a chegada ao Brasil do time de "bola ao cesto" da Universidade de Brigham Young para uma turnê esportiva de um mês de duração, em junho de 1950. O time foi acompanhado nas suas viagens por um conjunto musical de oito missionários que apresentava curtos programas nos intervalos. O time trouxe muita publicidade favorável à Igreja.

Durante êste período de administração do Pres. Howells, muitas cidades foram abertas, ou reabertas à pregação e foram realizadas freqüentes reuniões em praça pública.

O Profeta em Visita ao Brasil

A 21 de novembro de 1953 desembarcava no Brasil, juntamente com sua família, o Pres. Asael T. Sorensen, para ocupar o lugar do Pres. Howells à frente da Missão Brasileira.

Desde os dias dos profetas nefitas, esta grande porção de terra da América tinha esperado o dia em que poderia ouvir a voz de um Profeta do Senhor. Em 21 de janeiro de 1954, o Pres. David O. McKay, o Profeta, e primeiro membro da Presidência da Igreja a visitar a América do Sul, visitou a Missão Brasileira. Com exortações e conselhos aos santos à fidelidade, à felicidade individual e alheia mediante a utilização do livre arbítrio na observância dos mandamentos de Deus, o profeta instruiu-nos que deveríamos progredir nesta terra de Sião. Foi uma experiência inesquecível para os santos e missionários o privilégio de ouvir a voz do profeta nesta terra e receber seus conselhos e bênçãos. Por ocasião da sua estada no Brasil, o Pres. McKay autorizou também a

aquisição de propriedades para capelas de ramos onde os santos pudessem responder por elas.

O Rápido Crescimento da Missão Brasileira

Em visita à maioria dos ramos da Missão, chegou ao Brasil em dezembro de 1955, acompanhado da sua espôsa, o Élder Mark E. Petersen, Membro do Conselho dos Doze Apóstolos. Quarenta membros estiveram presentes à conferência realizada no ramo da Tijuca, ocasião em que Élder Petersen os exortou à unidade e ao amor fraternal. Sua visita encerrou-se com uma conferência no Distrito de São Paulo, a qual contou com a presença de 153 pessoas. A proximidade do Natal convidou a instruções sôbre a divindade de Jesus Cristo e à personalidade de Deus, salientando a necessidade de uma melhor compreensão de Deus e de Cristo.

Programas sistemáticos de ensino do Evangelho haviam sido introduzidos desde 1954, vindo a resultar num notável aumento do número de batismos: em 1954 houve 88 batismos; em 1955, 190; em 1956, 377. e em 1957 ocorreram 503 batismos. Aumentos similares continuaram a aparecer nos anos subseqüentes.

Élder Henry D. Moyle, membro do Conselho dos Doze Apóstolos, juntamente com sua espôsa fizeram uma visita de quinze dias ao Brasil em junho de 1956, tendo-se realizado conferências em vários ramos. Élder Moyle deixou um grande estímulo à obra, principalmente entre os missionários, de propagar o Evangelho ao povo Brasileiro.

Muitos novos ramos foram abertos na missão, tendo em conseqüência o número de ramos passado de 23 a 33. A primeira Conferência de Jovens da Missão Brasileira foi realizada simultâneamente em quatro distritos diferentes, em fevereiro de 1958.

A Criação da Missão Brasileria do Sul

A 26 de novembro de 1958 era substituído pelo Pres William Grant Bangerter, o Pres. Asael T. Sorensen. O ano seguinte seria marcado pelo importante evento da criação da Missão Brasileira do Sul, caracterizando assim a estabilidade do crescimento da obra no Brosil.

Sob a presidência do Élder Harold B. Lee, foi realizada uma conferência congregando todos os ramos em São Paulo, tendo-se reunido cêrca de 500 pessoas. Na época acreditou-se ter sido a maior reunião da Igreja já havida no Brasil. Na sessão vespertina, foi lançada a pedra fundamental para a construção da Capela da Praça Itália.

Em 30 de setembro de 1959, em Curitiba, Paraná, sob a direção do Élder Harold B. Lee, do Conselho dos Doze Apóstolos, foi realizada a conferência que culminou com a criação da Missão Brasileira do Sul, consistindo dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Havia então onze ramos com cêrca de 1400 membros na nova Missão, e vinte e um ramos com aproximadamente 2200 membros na Missão Brasileira. O Pres. Asael T. Sorensen foi designado primeiro presidente da Missão Brasileira do Sul, retornando assim para presidir pela segunda vez uma missão no Brasil.

O Brasil recebeu a visita do Secretário da Agricultura dos Estados Unidos e comitiva em outubro de 1960. Tratava-se do Élder Ezra Taft Benson, membro do Conselho dos Doze Apóstolos. Por ocasião da sua chegada foi realizada no Rio de Janeiro uma conferência distrital em caráter especial. Élder Benson dirigiu-se aos santos comentando o cumprimento das profecias concernentes à Coligação da Casa de Israel e ao Retôrno dos Judeus à Palestina. Exprimiu-se também sôbre as bênçãos pertinentes ao Continente Americano e o plano do Senhor, e sôbre a ameaça do comunismo. Conferenciou com autoridades políticas brasileiras e com o então Presidente da República, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira.

No dia seguinte, outro Apóstolo do Senhor, e presidente do Conselho dos Doze Apóstolos, Élder Joseph Fielding Smith, chegou ao Brasil. Acompanhava-o a sua espôsa e o Pres. A. Theodore Tuttle, do Primeiro Conselho dos Setenta. Visitaram os principais pontos da Missão, incluindo Recife, instruindo e encorajando os missionários e os santos. O Pres. Smith teve oportunidade de responder a muitas questões doutrinárias valendo-se do seu profundo conhecimento e sabedoria.

Em fevereiro de 1962 era inaugurada na Praça Itália a Capela de Pinheiros e a Casa da Missão, a ela adjacente, constituindo-se o evento num importante passo no programa de construção no Brasil.

Uma das grandes experiências espirituais dos santos e dos missionários foi a visita do Pres. Hugh B. Brown, da Primeira Presidência, em janeiro de 1963, acompanhado do Pres. Tuttle. Os discursos e instruções do Pres. Brown foram acompanhados de extraordinárias manifestações do Espírito Santo. À conferência compareceram mais de mil pessoas.

Dois élderes missionários, a 17 de maio de 1963, tiveram a oportunidade de fazer presente de um Livro de Mórmon, pessoalmente, ao então Pres. da República, João Belchior Marques Goulart.

A Primeira Estaca da América do Sul

Em substituição ao Pres. Bangerter, à frente da Missão Brasileira, desembarcou a 2 de agôsto de 1963, em companhia da família, o Pres. Wayne Moore Beck. A presidência anterior havia deixado duas capelas terminadas e quatro outras iniciais. Êste passo acelerado no programa de construção recebeu continuidade na administração do Pres. Beck, e também começou-se a desenvolver o esfôrço necessário para preparar São Paulo para a organização da primeira estaca a ser instalada na América do Sul.

Milhares de santos acorreram à calorosa recepção oferecida ao Élder Spencer W. Kimball e ao Pres. A. Theodore Tuttle no Aeroporto do Congonhas, em fins de maio de 1964. O número de pessoas presentes às conferências que então se fizeram realizar em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília atestava o rápido progresso que a obra ia fazendo no país. Já no final de 1965, incrementando o trabalho missionário no nordeste do Brasil, abriram-se à pregação as cidades de João Pessoa, Campina Grande e Maceió, que juntamente com Recife vieram a fazer parte do Distrito de Pernambuco.

Afinal, a 1.º de maio de 1966, dava-se o memorável evento da organização da Estaca São Paulo sob a direção dos Élderes Spencer W. Kimball e Franklin D. Richards. A maioria dos ramos do Distrito de São Paulo foram incluídos na nova estaca, e foi grande o júbilo dos santos pelo triunfo de Sião.

(Conclui na página 33)

Continuação do exame das fascinantes descobertas vindas à luz desde a publicação do Livro de Mórmon 136 anos atrás, na cidade de Palmyra, no interior do Estado de Nova Iorque.

A Partir de Cumorah

Novas Vozes do Pó

XX - Problemas, não Soluções

Hugh Nibley

Problemas, não Soluções. O que conseguimos com esta longa e tortuosa exposição foi uma miscelânea de problemas — todos não solucionados. Surgiram pistas, sugestões e conjeturas, mas absolutamente nada de resolvido, nada de comprovado, exceto talvez o objetivo proposto de demonstrar que o Livro de Mórmon está ainda aberto a debate sério. Enquanto não chegarmos à compreensão de que o máximo que se pode esperar de qualqualquer investigação não são soluções, mas apenas mais problemas, o estudo das antigüidades do Livro de Mórmon permanecerá tão estéril quanto era no passado. Expliquemos o que se quer dizer com "problemas em vez de soluções".

Em 1835 Josiah Priest escreveu em seu **American Antiquities:** "A maneira pela qual os primitivos habitantes e animais chegaram aqui é fàcilmente explicada aceitando-se a suposição, que sem dúvida, é a **mais** correta, de que os limites noroeste e ocidental da América eram, em alguma época passada, ligados à Ásia, a **oeste** e à Europa a **leste**".[117] Com isso Priest resolvia a questão: ao invés de se constituir num problema proveitoso e estimulante, a teoria da povoação através do vínculo de terra pelo Alaska era a solução final. E como tal tem sido aceita pelos antropólogos norte-americanos até o presente, apesar de seus colegas da Europa e da América do Sul pilheriarem e sacudirem a cabeça ante uma devoção tão ingênua e determinada a uma explicação simplista. A nós pode parecer estranho que alguém em 1835, sem qualquer evidência em que se basear, exceto uma olhada no mapa, pudesse ter optado por solução tão definitiva — o **problema** era real **e** maravilhoso, mas a **conclusão,** prematura e absurda. Entretanto, teria mudado a situação? Poucas pessoas sabem que mais tempo e dinheiro se tem despendido procurando confirmar esta teoria específica do que qualquer outra do campo da antropologia, com resultados muito pobres. A questão é ainda um problema, e muito vivo, porém a solução se apóia exatamente naquilo em que se apoiava nos dias de Josiah Priest: numa interpretação vulgar do mapa.

Ou examinamos outro exemplo. Nos fins do século dezoito um fazendeiro escocês caminhando por uma praia notou algumas marcas onduladas numa rocha, muito acima do nível das águas. Ali estava um problema verdadeiro. Mas não permaneceu muito tempo como tal. O fazendeiro, assim diz-nos o prof. Hotchkiss, "podia voltar os olhos para o passado e imaginar uma inumerável sucessão... de ciclos... deve ter tido naquela hora uma visão das extensas eras transcorridas para se escrever os bilhões de anos da história da terra. Suas descobertas simples marcaram época, iniciando a ciência da geologia..."[118] Neste caso, um problema importante foi confrontado com uma esplêndida teoria, mas considerar como "descobertas" o mero reconhecimento do problema e as mais imaginativas e temerárias especulações para explicá-lo, isso não. Como solução final, o mínimo que se poderia dizer é que a teoria era prematura.

"Fico a imaginar quantos saberão," escreve um geólogo moderno, "que a escala (geológica) de tempo acha-se essencialmente congelada em sua forma atual desde 1840...? Aquêles que seguiram os fundadores saíram pela terra à maneira de Procusto, fazendo-a adaptar-se às seções que encontraram mesmo em lugares onde a evidência real literalmente o negava. Assim acomodatícios e flexíveis são os "fatos" da geologia."[119] A questão é que os peritos confundiram o problema com sua solução e assim deixaram de perceber as dificuldades reais existentes. "Em geologia," escreveu Hotchkiss, "a maioria dos fatos importantes são fàcilmente compreendidos. Tudo o que se precisa fazer para dar um conhecimento muito satisfatório dos fatos é chamar-se a atenção para êles."[120] Mas como despertar nossa atenção para os bilhões de anos de Hutton? Não podemos de forma alguma experimentar um bilhão de anos: o máximo que podemos fazer é procurar imaginar, como Hutton fêz. Mas o que imaginamos é obra de nossa própria mente: não é um fato, em absoluto, mas uma interpretação pura e simples.

Um terceiro caso, o mais impressionante de todos, é a teoria da gravitação de Newton. "Nunca houve teoria mais bem sucedida," assegura-nos Karl Popper, salientando que mesmo o grande Poincaré acreditava "que ela permaneceria como base invariável da física até o fim da busca do homem pela verdade." Mas em nossos próprios tempos "a teoria da gravidade de Einstein ...reduziu a teoria de Newton a... uma hipótese a competir com as demais". Ao invés da verdade absoluta, o assunto tornou-se novamente problema aberto a discussão. Isto, de acôrdo com Popper, "destruiu sua autoridade. E com ela algo muito mais importante — o autoritarismo da ciência."[121]

Tôdas as "provas" e "contra-provas" do Livro de Mórmon apresentam problemas ao invés de soluções. Assim, quando troncos carbonizados de árvores foram encontrados no Meio Oeste, alguns primitivos santos dos

últimos dias declararam que sua presença no seio da terra provava o Livro de Mórmon. Não provava coisa alguma; no máximo apresentava um problema nteressante que podia ou não ter qualquer relação com o Livro de Mórmon.

Durante vinte anos vimos repetindo das páginas da "The Improvement Era" e em outros lugares que nada se obtém tentando provar que o Livro de Mórmon está certo ou errado, mas que muito se poderia obter lendo-o e discutindo seus vários aspectos. Êste ponto de vista, que não é muito popular, acha-se melhor explicado nos escritos do maior filósofo vivo da ciência, Karl Popper. "O ingênuo ponto de vista de Bacon," diz êle, "a respeito da essência das ciências naturais... é um dogma ao qual os cientistas, assim como os filósofos, têm-se apegado tenazmente até nossos dias."

Êsse ponto de vista é o já expressado por Hotchkiss e mencionado anteriormente, de que "tudo o que se necessitava era aproximar-se da deusa Natureza com a mente livre, isenta de preconceitos e ela revelaria prontamente seus segredos". Hoje nos periódicos científicos — o mais popular dos quais nós examinamos cuidadosamente a cada seis meses — há uma impressionante profusão de artigos demonstrando que o método indutivo de Bacon não se aplica realmente à ciência. Que Popper está certo quando diz que "a noção de que podemos... purgar a mente de preconceitos, segundo a nossa vontade... é ingênua e errônea", e na verdade manifestamente perniciosa, pois, "após fazer uma tentativa ou duas, a pessoa acredita que está livre de preconceitos — o que apenas significa, naturalmente, que se apegará com mais tenacidade e seus preconceitos e dogmas inconscientes".[122]

O antigo autoritarismo da ciência está agora sendo suplantado por uma nova atitude, que Popper resume em três palavras: "Problemas — teorias — crítica". As coisas principiam com um problema, algo de difícil, que precisa ser explicado. Para esclarecê-lo propõe-se uma teoria; ela não precisa ser plenamente provada, já que existe apenas para ser atacada, pois "há um só caminho para se compreender um problema sério ...e êsse caminho é procurar resolvê-lo e falhar." Assim que alguém surge com uma teoria, outros devem tentar imaginar algum teste para refutá-la, "pois testar uma teoria, ou uma peça de máquina, significa procurar fazê-la falhar."[123] Segundo êsse padrão, a teoria do vínculo terrestre pelo Alaska e a da passagem das eras, levantada por Hutton, nunca foram submetidas a qualquer teste real: foram aceitas desde o início como soluções cabais. A única forma de se ampliar o conhecimento das coisas é "usar imaginação e idéias arrojadas na ciência, apesar de sempre moderadas por crítica e testes severos". Como podemos nos assegurar de ter o necessário contrôle? Tomando partido: nisso reside a objetividade da ciência, não na mente de pesquisadores individuais. "Seria um êrro," escreve Popper, "julgar que os cientistas são mais 'objetivo' que outras pessoas;" na verdade, "há mesmo como que uma justificação metodológica para que êles sejam individualmente dogmáticos e tendenciosos (!), já que ...é de grande importância que as teorias criticadas sejam defendidas com tenacidade".[124]

Não importa quão severa e impiedosa seja a crítica, nenhum osso sai quebrado, se o objetivo de alguém ao propor uma teoria não fôr o de encerrar a questão de uma vez por tôdas, mas apenas o de conduzir a um maior conhecimento. "A observação e a experiência não podem estabelecer nada de definitivo... Em essência, elas auxiliam a eliminar as teorias mais fracas" e, assim, "apoiam, apesar de apenas temporàriamente, a teoria sobrevivente." Portanto, "o método da discussão crítica não estabelece coisa alguma. Seu veredito é sempre e invariàvelmente não provado."[125]

(Continua)

117. Josiah Priest, *American Antiquities (Albany*, N. Y., 1835), págs. 61-62.
118. Em S. Rapport & H. Wright (editôres) *The Crust of the Earth* (Nova Iorque: Signet Books, 1955), pág. 17.
119. E. M. Spieker, em *Bulletin of the American Association of Petroleum Geologists*, 40 (Agôsto 1956), pág. 1803; cit. N. D. Newell, em *Proceedings of American Philosophical Society*, 103 (1955), pág. 265.
120. Hotchkiss, op. cit., pág. 11.
121. K. R. Popper, "Science: Problems, Aims, Responsabilities", em *Federation Proceedings of the American Societies for Experimental Biology*, 22 (1963), pág. 964.
122. Ibid., págs. 961 s.
123. Idib., págs. 968, 964.
124. Ibid., pág. 965. Êle cita Darwin: "Que estranho alguém não perceber que tôda a observação deve ser pró ou contra algum ponto de vista...," pág. 967.
125. Ibid., pág. 970.

História da Igreja

(Conclusão da página 31)

Um Templo na América do Sul é a Meta Futura

Para dar continuidade à obra na grande seara plantada pelos seus oito predecessores, foi calorosamente recebido em São Paulo, a 21 de julho de 1966, juntamente com sua família, o Pres. Lloyd R. Hicken. O nôvo presidente logo iniciou o treinamento de líderes e intensiva preparação dos distritos remanescentes da Missão Brasileira para serem elevados à condição de Estacas, colocando à sua frente a grande visão e promessa oferecida pelo Senhor através dos seus servos: o futuro estabelecimento de um templo na América do Sul, para que possam ser derramadas sôbre os santos e seus antepassados bênçãos sem conta.

Apenas quatro decênios decorreram desde aquela histórica congregação dos servos do Senhor nos arredores de Buenos Aires, e já a profecia do Apóstolo do Senhor recebe visível cumprimento. Também em Buenos Aires estabeleceu-se uma Estaca, e multiplicaram-se por tôda a terra os frutos da seara do Senhor. No Brasil a obra frutificou pròdigamente, congregando mais de 30.000 santos espalhados por quase todo o território nacional. Cêrca de quarenta magníficos edifícios foram erigidos para abrigá-los em seu culto, a maioria pelas mãos de missionários chamados no país. Quase uma dezena de missionários foram enviados ao exterior para propagar a Palavra, dando de graça a todos quantos lhes derem ouvidos, as bênçãos que de graça receberam do Senhor por intermédio daqueles que desde o princípio não mediram esforços para consagrar esta terra, e os eleitos do seu povo, como uma nação aceitável a Deus.

No próximo número: *A Missão Brasileira do Sul*, pelo seu atual Presidente, Élder Thomas F. Jensen.

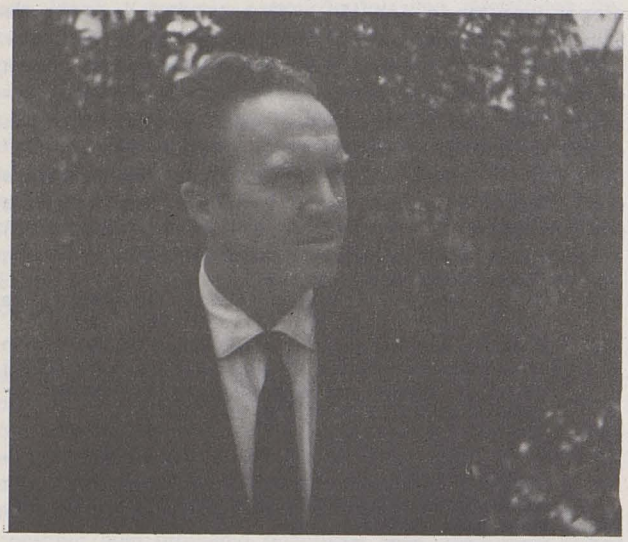


PRESIDENTES DO SUL REUNEM-SE EM SEMINÁRIO

Nos dias 3 e 4 de novembro passado, fêz-se realizar na capital paranaense o Seminário Anual de Presidentes, contando com a presença de aproximadamente 75 presidentes de distritos e ramos da Missão Brasileira do Sul, sob a direção do Presidente Thomas F. Jensen.

Durante o extenso programa de atividades foi possível a transmissão de importantes instruções visando à um mais perfeito entrosamento entre os vários programas da Igreja.

CHAMADO PRIMEIRO PATRIARCA NA AMERICA DO SUL



Dia 18 de novembro, em São Paulo, sob a direção do Élder Spencer W. Kimball, membro do Conselho dos Doze, o Bispo José Lombardi da Ala V da Estaca São Paulo foi ordenado o primeiro Patriarca da América do Sul. Tendo sido entrevistado na semana passada em Montevideo e achado digno para o chamado, o Bispo Lombardi assumirá as sagradas responsabilidades desta alta posição na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Desde a sua organização em 1.º de maio de 1966, a Estaca São Paulo e os seus 12.000 membros têm esperado ansiosamente o chamado de um Patriarca, a fim de que cada membro digno possa receber sua Bênção Patriarcal e dêsse modo dedicar-se ao Senhor e à uma vida mais cristã.

O Bispo Lombardi, paulista de 47 anos, é membro da Igreja Mórmon desde 1955. De 1956 a 1967 ocupou várias posições na Igreja, tendo sido inclusive Secretário do Ramo do Centro, Presidente dêsse ramo, Presidente do Distrito de São Paulo, Assistente do Pres. da Missão Brasileira e Bispo da Ala V. Devido a que os oficiais da Igreja Mórmon não recebem qualquer remuneração pelo tempo a ela dedicado, o Bispo Lombardi mantém florescente ocupação como técnico de televisão.

Durante todo o tempo, como membro da Igreja, viveu sempre uma vida exemplar com sua espôsa Antonieta Lombardi e filhos, Luiz Lombardi, que acha-se agora servindo em missão na Missão Italiana, e Aura Lombardi.



BISPO BROWN ESCALA EM SÃO PAULO

O flagrante registrado no Aeroporto Internacional de Viracopos revela entre nós a estimada presença do Bispo Victor L. Brown quando aqui esteve de passagem, a caminho da reunião dos Presidentes de Missão da América do Sul, realizada em Montevideo, de 7 a 10 de novembro passado.

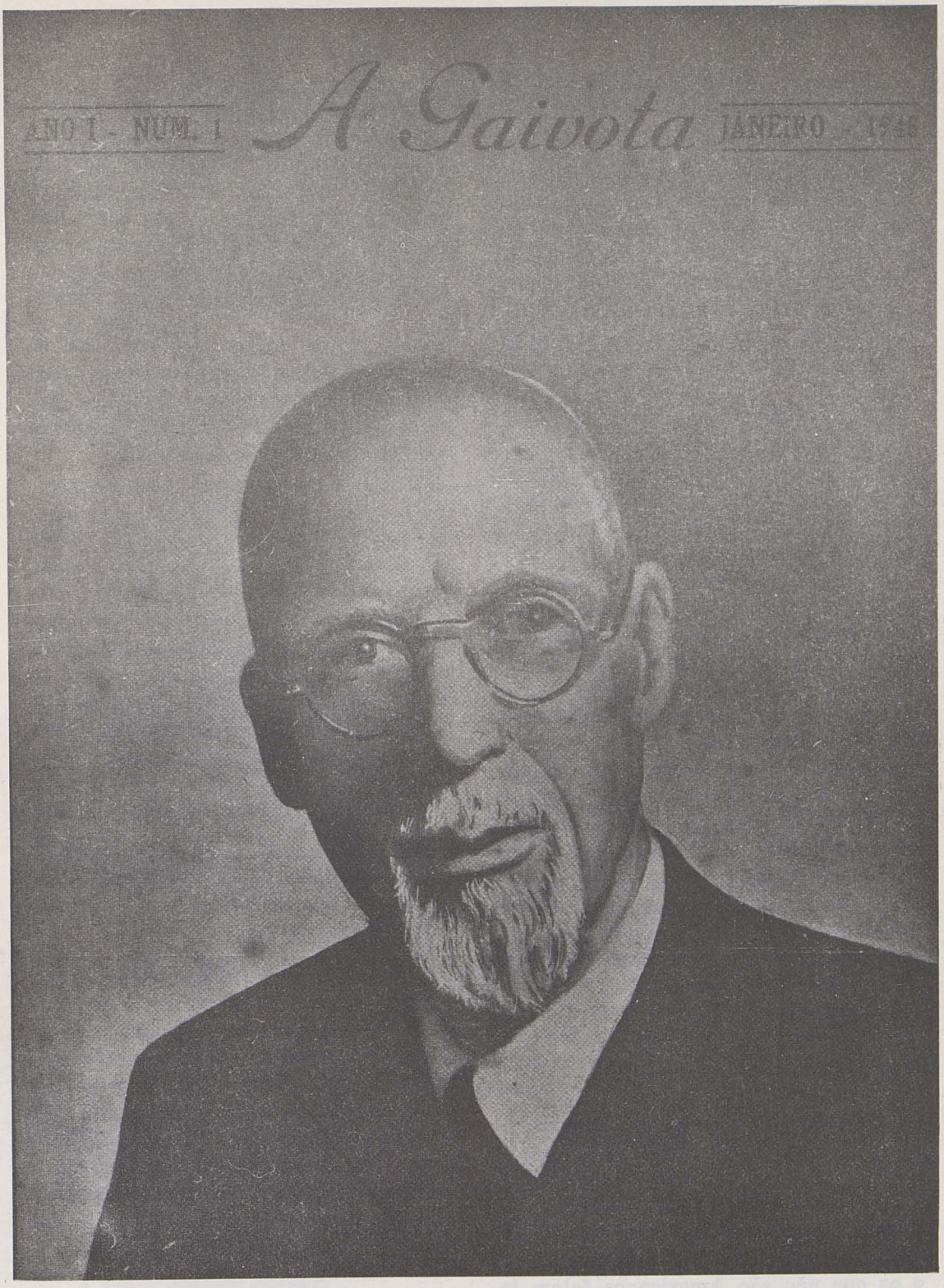
Na foto, da esquerda para a direita, o Pres. Thomas F. Jensen e espôsa, da Missão Brasileira do Sul; Bispo Victor L. Brown, do Bispado Presidente; Pres. J. Thomas Fyans, Diretor do Departamento de Serviços de Tradução; Pres. Lloyd R. Hicken e espôsa, Pres. da Missão Brasileira. Todos êstes irmãos estiveram em visita à nova sede própria do Centro Editorial Brasileiro, instalações que entrarão em uso normal a partir dêste ano.



ESTACA SÃO PAULO RECEBE VISITA DE NÔVO SUPERVISOR

Tendo sido recentemente chamado pela Primeira Presidência para o cargo de Supervisor da Estaca São Paulo, estêve em visita a esta capital no dia 5 de novembro passado o Pres. J. Thomas Fyans, sendo esta a primeira vez que o faz em sua nova função. Durante sua visita, entrevistou-se com o Pres. Walter Spät, da Estaca São Paulo, ocasião em que foram tratados relevantes assuntos para o progresso da Igreja em nossa terra.

O Irmão Fyans já ocupou o cargo de presidente da Missão Uruguaia e atualmente dirige o Departamento de Serviços de Tradução da Igreja, do qual faz parte o Centro Editorial Brasileiro.



Esta foi a capa do primeiro número da nossa revista. Ilustrava-a o retrato do então Presidente George Albert Smith. O nome era ainda a GAIVOTA, título que por mais três anos continuaria em vigor.

Há vinte anos, liam-se nas páginas de "A Gaivota" as seguintes notícias. Leia-as, poderá relembrar muitas coisas de um passado distante.

"O Rumo dos Ramos"

Este cantinho da Gaivota é reservado às informações e notícias dos ramos da Missão e seus missionários. Este mês apresentamos todos os ramos e os missionários que neles trabalham. Já sabemos que muitos dos membros estão pensando a respeito de alguns Elders e esta é a oportunidade informarem-se deles e apanhar as novidades dos ramos da Missão.

Estamos contentes em noticiar que todos os missionários estão bem e alegres. Elder Rubens e Elder Fowles recentemente foram operados de apêndice, e após rápida convalescença acham-se novamente fortes.

Elder Rubens Pellegrini foi desobrigado da sua missão em Dezembro. Cumpriu uma missão de um ano e trabalhou em diversos ramos. Os membros e missionários aprenderam a amá-lo e apreciar seu caráter maravilhoso. Êle realizou um trabalho formidavel e nós todos vamos sentir muito a sua falta. Unimo-nos em lhe exprimir a nossa profunda gratidão pelo serviço dele e sabemos que continuará ativo na Igreja. Que Deus o abençoe!

Os missionários se encontram longe e dispersados agora porque o trabalho cresce e novos ramos foram abertos há pouco tempo. Começemos ao norte do país e desçamos:

Rio de Janeiro

* Elder Wallace Lynn Pinegar
Elder Blaine Orson Tew

Há dois gigantes agora no Rio e eles estão fazendo um gigante serviço lá. Quasi todos os membros são Americanos e os que não são Americanos falam inglês, de sorte que a reunião de domingo se fala em inglês. Esta reunião realiza-se nas casas dos membros; um domingo aqui, outro alí etc. Mas os missionários procuram sala e esperam logo começar a mútuo e outras reuniões em português.

Ribeirão Preto

* Elder Grant C. Tucker
Elder Sanford S. Walker

Este é um ramo reaberto mas estes missionários aplicados estão construindo uma base firme alí e lhes dizemos: *Bôa sorte.* Eles também procuram sala. Não há membros lá ainda.

Piracicaba

* Elder Jay R. Fowles
Elder Harry Maxwell

Elder Fowles já voltou a trabalhar depois da sua operação e por isso o trabalho estava restringido mas daqui em diante, *aguarde Piracicaba.* Ambos deles possuem vozes lindas e atrairão muita atenção nesse particular.

Campinas

* Elder Wayne M. Beck e sua espôsa
/ Irmã Evelyn M. Beck, e a família deles
§ Elder Arnold E. Maas
Elder Joseph William Lewis

Sendo que Elder Beck, o primeiro conselheiro do Presidente Rex, é o responsavel em Campinas e com estes outros missionários sabemos que Campinas está "O. K.". Este talvez seja o mais vivo ramo da missão. Dois missionários brasileiros desobrigados, Elder Alfredo e Elder Remo, apoiam a organização e um corpo de jovens membros ativos auxiliam a fazer este ramo um dos melhores.

São Paulo (Distrito)
(Centro)

* Elder Warren J. Wilson
Elder Jesse L. McCulley
Elder Walter J. Boehm

Estes irmãos estão desempenhando bem o seu trabalho e o maior ramo na missão (em população) está bem cuidado. Os missionários são aplicados. Já acharam outra casa e abriram um novo distrito para distribuir folhetos. As coisas estão progredindo. A média de frequência às reuniões sacramentais é cerca de 50 pessoas.

Santo Amaro (Ramo)

§ Elder John A. Alius
Elder Dean Clark

Encontra-se funcionando aqui um ramo muito bom com Escola Dominical, Mútuo, Sociedade de Socorro e tudo. Esse é um progresso real e eles merecem congratulações de coração!

Santo André (Ramo)

§ Elder Cecil J. Baron
Elder Raymond Maxwell

Eles procuram sala, mas até agora encontram muitas dificuldades. Eles são ótimos missionários e desejamos-lhes sucesso!

Santos

* Elder Bynon D. Thomas
Elder Lavern E. Smith

Mais um ramo, e quasi novo, está tendo suas dificuldades. Os irmãos tentam localizar uma sala e rodearem-se de um núcleo de pessoas interessadas e boas a fim de conseguirem uma organização definida.

Curitiba

* Elder Franklin Ross Jensen
Elder Weldon B. Jolley
§ Elder Marcel Nielson
Elder Joseph M. Heath
Elder Robert F. Gibson

Cada um que já esteve em Curitiba, diz que é uma cidade bonita. Cada um diz também que existe uma bôa organização da Igreja lá. Isto é devido, e de um modo acentuado, ao grupo de aplicados missionários que se encontram lá e também aos membros firmes.

Ipomeia (?)

* Elder Dale S. Bailey
Elder Floyd A. Johnson

Muitas pessoas imaginam onde fica "Ipomeia" — e poucas realmente sabem. Algumas pessoas contam que é "No fim do mundo." Mas onde quer que seja estes irmãos podem lhe dizer. Sabe-se que fica lá no interior do Estado de Santa Catarina e é quasi isolada. Porém, há alguns membros lá, quasi todos alemães, e são fiéis. Estes Elders estão fazendo um trabalho esplêndido, não só de dirigirem as atividades da Igreja mas também de ensinarem uma escola da Igreja. Os membros possuem uma Igreja própria e há uma boa organização funcionando lá.

Joinville

* Elder Thayle Nielsen e sua espôsa
/ Irmã René Johnson Nielsen
§ Elder Walter T. Wilson
Elder Kent B. Tyler

Como o outro conselheiro do Presidente Rex, Elder Thayle Nielsen é responsavel pela Igreja em Joinville, e o trabalho é bem cuidado. Corre boato que um *jeep* foi encomendado para Joinville! Será! Joinville está progredindo bem!

Porto Alegre

* Elder George H. Bowles
Elder John B. Hilton
§ Elder Milton R. Bloomquist
Elder Merrill Worsley

Porto Alegre é o lugar mais ao sul do Brasil que tem missionários e, talvez tenha o tempo mais frio (São Paulo desafia isso) na Missão mas tem um ramo bem quente para contrabalançar e tem Elders *bem esquentados* que estão fa-

zendo um grande serviço para derreter o gêlo de indiferença.

Novo Hamburgo

§ Elder Richard K. Sellers
Elder Harries A. Lloyd

Talvez seja um ramo pequeno mas os esforços destes missionários são grandes e a autoridade deles é grande e enviamos os desejos que o seu sucesso seja grande também.

No Escritório da Missão

(Casa da Missão)

Elder Donald F. Gold — Secretário da Missão

Elder Joseph R. Smith — Guarda-livros da Missão

Elder Jack A. Bowen — Diretor dos Auxiliares

Elder C. Elmo Turner — Editor da "Gaivota"

Elder Robert F. Pool —

Estes estão fornecendo os materiais, as informações, as lições e outras coisas necessárias para o trabalho normal da missão. Há bastante trabalho nos escritórios e estes irmãos estão fazendo a sua parte.

Presidência da Missão

Há pouco tempo que a primeira Presidência da Igreja pediu que os Presidentes de tôdas as missões formassem "*Presidência da Missão*". Em concordância ao pedido, Presidente Rex escolheu os seguintes Elders como conselheiros, e agora a *Presidência da Missão Brasileira* é:

Presidente: Harold M. Rex
1.º Conselheiro: Wayne M. Beck
2.º Conselheiro: Thayle H. Nielsen

A missão funcionava com eficiência antes desta mudança e agora esperamos que opere ainda melhor.

* * *

* Presidente do Distrito
§ Companheiro Senior
/ *Chefe da Casa*

* * *

Porto Alegre —

Realizou-se no dia 27 de Dezembro de 1947, o enlace matrimonial do jovem par: João Torgan e Wilma Bing. Os festejos transcorreram cheios de acontecimentos. As 9,00 horas, João e Wilma foram casados pelas autoridades civis, e logo após foi oferecido em casa da noiva, um lauto almoço, ao qual foram convidadas as testemunhas, o Presidente Rex com os missionários deste distrito e os parentes mais próximos de ambas as partes.

As 17,00 horas, o Presidente Rex realizou o casamento religioso, na Igreja sito à Rua Santos Dumont, o qual foi verdadeiramente maravilhoso e sentimental.

Os festejos foram celebrados na Sociedade Gandoleiros, para onde se dirigiram todos os convidados após às 19,00 horas na mesma foram servidos bolos, doces, sandwiches, bebidas refrigerantes e outras iguarias deliciosas. Os festejos transcorreram com música, baile e alegria geral.

Olga C. Bing

* * *

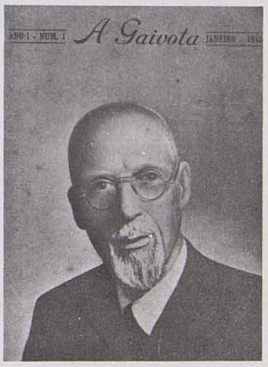
"A natureza deu-nos um só órgão para falar: a língua, dois, porém para ouvir; os ouvidos. E' preciso, pois, mais ouvir do que falar."

...Nabi e Niffendi.

* * *

"Aquele que deu, cale-se; e o que recebeu, fale."

...Máxima Hespanhola.

Vinte Anos da  Nossa Revista

Hélio da R. Camargo

A juventude é muito mais um estado de espírito que uma questão de cronologia. Há velhos aos 12 anos, como existem jovens de 70. Alguns nunca chegam a conhecer a fase sonhadora da adolescência: já emergem da infância de testa franzida e nariz torcido para tudo e todos. Por outro lado há aqueles que nunca amadurecem para as responsabilidades, deveres e alegrias serenas da varonilidade plena. São eternas crianças, dependentes dos pais para o sustento próprio, incapazes de se fixarem em empregos, de merecerem confiança de chefes, professores e até mesmo de amigos e colegas.

O mais interessante nesta questão de personalidades, juventude e amadurecimento, é que as instituições, empresas, colégios, jornais, fábricas, tudo enfim, também tem seus períodos de infância, adolescência e maturidade.

As pessoas responsáveis pelas grandes organizações de financiamento sabem disso, no que respeita à garantia que podem esperar das empresas que lhes solicitam o apoio. Firmas novas são tratadas como crianças ou como jovenzinhos pouco responsáveis. Até os próprios periódicos que iniciam suas atividades com ímpetos juvenís e críticas acerbas às autoridades constituídas, com o tempo vão abrandando suas arestas, reduzindo o gume do sarcasmo e derivando para o centro e para a moderação.

Para grande felicidade nossa existem os que conseguem, desde os primeiros passos, um equilíbrio sadio, uma visão otimista das coisas, uma atitude jovial e serena ao mesmo tempo, como que temperando as asperezas da seriedade com a brisa fresca da adolescência; nunca derivando para a irresponsabilidade nem roçando pelo carrancismo: são aquêles a quem o Senhor chamou sal da terra e luz do mundo.

Completando êste ano seu vigésimo aniversário, apresenta-se A LIAHONA em plena pujança da juventude. Vive a quadra otimista da vida, quando tudo parece róseo e promissor, mas nem por isso deixa de reconhecer os obstáculos e percalços da existência.

A LIAHONA nasceu jovem. Ao iniciar sua carreira, vinte anos atrás, já trazia maturidade bastante e equilíbrio suficiente para ser considerada além da fase da infância, capaz portanto de impor-se como órgão de orientação e inspiração, sem desprezar a jovialidade e o otimismo.

Seu primeiro exemplar circulou em janeiro de 1948, mas trazia um nome diferente: ao nascer, chamaram-lhe "A Gaivota", e sob êsse nome circulou ela até dezembro de 1950, quando mudou de título por ter chegado ao conhecimento da Presidência da Missão Brasileira que já havia uma outra revista que se publicava no país com aquela denominação.

Passaram a chamar-lhe A LIAHONA, a partir de janeiro de 1951.

Ao tempo em que A Gaivota alçou o seu primeiro vôo editorial, orientava a vida da Igreja no Brasil o Presidente Harold M. Rex, que confiara o cargo de Editor da revista ao Élder missionário C. Elmo Turner, que mais tarde voltaria ao Brasil para presidir a Missão Brasileira do Sul. Ao timão da revista encontrava-se o irmão Claudio Martins dos Santos, como seu diretor.

Quantas coisas mudaram desde aquêle tempo! Missionários se foram e outros vieram em seu lugar. O primeiro diretor da revista transferiu residência para os Estados Unidos e hoje participa do Coro do Tabernáculo. A Igreja cresceu impressionantemente, passando de algumas poucas centenas a vários milhares. Organizou-se a primeira estaca da Igreja na América do Sul, na capital do Estado de São Paulo, sob a presidência de um jovem cujo batismo a Gaivota de abril de 1950 anunciava: Walter Spät.

A modesta apresentação da capa em preto-e-branco cedeu lugar às quadricomias a partir de janeiro de 1964, já então sob a orientação do Presidente Wayne M. Beck. Finalmente hoje, com vinte anos de vida e experiência, vestida com roupagens mais alegres, atualizada e sintonizada com os dias que correm, mantém-se tão jovem e sensata quanto nos seus primeiros dias de existência.

Ocorre-nos indagar agora: Como se apresentará a nossa revista daqui a mais vinte anos? Ainda jovem? Ainda bela? Certamente, e mais ainda do que agora, oferecendo seus frutos maduros a uma nova geração mais treinada, mais firme, mais profundamente alicerçada nos princípios do Evangelho do que a nossa, que teve de lutar contra tantos erros e enganos de formação dos primeiros anos de vida.

Saudamos aqui a nossaquerida revista. Sempre atual, sempre jovem e luminosa, sempre fiel aos eternos ideais que determinaram a sua criação.

*

Richard L. Evans

A Palavra Proferida

Na Fímbria

Correndo-se o dedo por algumas palavras triviais, encontramos a palavra "fímbria", e descobrimos que, em parte, é definida como "borda ornamental" ou "algo que se assemelha a uma fímbria... como a fímbria de uma multidão." Sem dúvida, há fímbrias em quase tôdas as coisas, mas quanto ao verdadeiro desempenho, a fímbria não parece representar um papel muito importante. Está ali. Pode parecer bem, mas está apenas na margem. Isto em parte descreve as pessoas que estão "na fímbria," à semelhança da fímbria nos tecidos. As famílias têm suas fímbrias. Os clubes e os comitês também, da mesma forma que as comunidades e países, e as igrejas. Tôda organização, tôda instituição tem sua fímbria, composta por aquêles que se colocam à margem, aquêles que não estão dentro nem fora. Afirmam ser parte do quadro quando algo de bom está ocorrendo, mas recusam-se a sê-lo quando há obrigações com que arcar. Desejam as vantagens da cidadania sem prestarem o total da parcela de serviço que lhes cabe. Desejam os privilégios de serem membros sem satisfazerem a sua devida medida de obrigações. Desejam o amor e a lealdade da família, sem tomarem sôbre sí a sua parte dos encargos familiares. Pretendem as bênçãos e benefícios da Igreja sem adaptarem-se, prestarem serviço ou apoio. Desejam liberdade, paz, proteção e prosperidade do país sem dedicar-lhe inteira lealdade e submissão. Certamente, é um estígma ficar-se apenas à margem e jamais vir a fazer parte do quadro. Imagine-se quanta paciência terá o Juiz e Pai de todos nós com aquêles que escolheram viver as suas vidas na fímbria, sem tornarem-se verdadeiramente parte funcional do tecido. As maiores promessas e bênçãos da vida (e, na verdade, as menores também) são atribuídas em função do desempenho, da participação, da realização, da obediência à lei; e quando cumprimos o nosso dever, recebemos, de alguma forma, em algum lugar, a recompensa prometida. Mas se deliberadamente falharmos no desempenho, se por nossa própria disposição formos encontradas na fímbria, se não pudermos ser contados nem dentro nem fora, não alcançaremos as recompensas que virão àquêles com os quais se pode contar.

*

"A Palavra Proferida" da Praça do Templo
apresentada pela KSL e pela CBS em 19 de março de 1967
Copyright 1967